

15
A. 405

UM ENSAIO
SOBRE A LOUCURA

Dissertação Inaugural

APRESENTADA Á

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

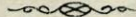
SOB A PRESIDENCIA

DO EX.^{mo} SR.

PEDRO AUGUSTO DIAS

POR

JOSÉ GUILHERME BAPTISTA DIAS.



PORTO
TYPOGRAPHIA LUSITANA
49, RUA DE BELLOMONTE, 49

1877

21/2 ENC

Para o dia 23 de julho de 1877 -
10 horas da manhã.

Presidente - O Ex.^{mo} Lr.^o Dr. Pedro Augusto Dias.

Os Ex.^{mos} Lr.^{os}.

Arguentes {
Dr. Agostinho Antonio de Louto.
Manoel Rodrigues da G.^a Pinto.
Manoel de Jesus Antunes.
Antonio d'Almeida Moura
Lemos.

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conselheiro, Manuel Maria da Costa Leite

SECRETARIO

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Antonio d'Azevedo Maia

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SNRS.

1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira — Physiologia	Dr. José Carlos Lopes Junior.
3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos. Materia medica	João Xavier de Oliveira Barros.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeuticamente externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira — Medicina operatoria	Pedro Augusto Dias, presidente.
6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna.—Therapeutica interna e historia medica	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira — Clinica medica	Manuel Rodrigues da Silva Pinto.
9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12. ^a Cadeira — Pathologia geral	Ilídio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia	Felix da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica	{ Dr. José Pereira Reis. Dr. Francisco Velloso da Cruz. Visconde de Macedo Pinto. José de Andrade Gramaxo.
Secção cirurgica	{ Antonio Bernardino d'Almeida. Luiz Pereira da Fonseca. Conselheiro, Manuel M. da Costa Leite.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica	{ Antonio de Azevedo Maia. Vago.
Secção cirurgica	{ Augusto Henrique d'Almeida Brandão. Vago.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica Vago.

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

EXAME

O Ilmo e Exmo Sr. Conde de S. Thome e S. Martinho da Costa

Presidente

O Ilmo e Exmo Sr. Antonio d'Alves

OPORTUNIDADE

PROPOSTA

DE

ESCRITA DE UM TRATADO DE MEDICINA

DE ACORDO COM O REGULAMENTO DA ESCOLA DE 23 D'ABRIL DE 1840, ARTIGO 155.

A Escola não responde pelas doutrinas expandidas na Dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'Abri de 1840, artigo 155).

A

MEUS PAES

A vós a quem devo tudo o que sou

O. D. E C.

Vosso filho agradecido.

A MEU TIO

O EX.^{mo} SNR.

João Baptista Pereira Leal

*Como acanhado penhor
da sua gratidão pela afeição paterna que sempre lhe revelou*

A MEU PADRINHO

O EX.^{mo} SNR.

José Baptista Gonçalves Dias

Como signal da amizade respeitosa que lhe tributa

O. D. E C.

Dosso Sobrinho.

AOS MEUS

PARTICULARES AMIGOS

OS EX.^{mos} SNRS.

ANTONIO AUGUSTO DE BARROS

E

CARLOS BRANDÃO DE VASCONCELLOS

*Como prova do meu eterno reconhecimento pelos
innumeros favores que me tem feito*

offerece

O AUCTOR.

AO MEU PRESIDENTE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

PEDRO AUGUSTO DIAS

Lente de Medicina operatoria na Eschola Medico-Cirurgica
do Porto

*Como testemunho respeitoso do reconhecimento que sempre
lhe consagrará, como preito
à probidade do seu character e elevação dos seus
dotes intellectuaes*

OFF.

O AUCTOR.

On ne peut aujourd'hui être médecin d'aliénés qu'à la condition de posséder la notion exacte de tous les moyens connus actuellement pour l'observation des malades en général, et à la condition d'avoir appris sérieusement la science du diagnostic et de la thérapeutique dans le sens de la médecine moderne.

GRIESINGER.

Fazer vêr que a psychiatria não é uma excepção nosologica, uma especie ambigua, sem termo de comparação, fluctuante nos dominios d'um metaphysismo esteril, mas que apenas representa um capitulo de pathologia geral, um complexo d'estados morbidos que reconhecem como elemento constante a existencia de symptomas psychicos; demonstrar que o alienista não tem de buscar mysticos instrumentos para combater as doenças mentaes, não deve extraviar-se na contemplação infructifera do seu lado psychologico, mas recordar-se tambem de que as indicações provenientes do organismo affectado teem mais legitimos direitos ao seu estudo;—tal é o fim principal que pretendemos conseguir na presente dissertação.

A psychiatria contemporanea, aproveitando-se do le-

gado precioso que os alienistas classicos lhe transmittira, segue entretanto uma nova direcção, gira no circulo d'um movimento muito diverso, movimento mais util, ainda que de apparencia menos brilhante, que, realisando-se em torno da observação clinica, busca no diagnostico o seu ponto de partida e n'uma therapeutica racional o termo do seu trajecto. Foi sob a inspiração dos successos obtidos por tendencias tão uteis que elaboramos este modesto escripto. Insufficiente parecerá elle por certo, se o comparamos com a profusão dos trabalhos importantes que sobretudo nos ultimos tempos se ha publicado sobre a materia, mas convem notar desde já que nunca tivemos aspirações a traçar a historia completa da loucura. O nosso desejo foi tão sómente delinear uma como que introduccão. Se um dia nos encontrarmos em condições de poder lançar mão dos recursos indispensaveis da clinica mental, faremos talvez então por completar estes estudos preliminares.

Na consideração d'um assumpto que prende tão de perto com a psychologia, não nos pudemos furtar á obrigação d'invasir uma ou outra vez um terreno tão pouco nosso conhecido como o da philosophia pura. Sirva esta necessidade para attenuar a culpa real da nossa indiscrição.

Muitas questões palpitantes da psychiatria actual foram omittidas ou deixaram de ser tratadas com o necessario desenvolvimento, muitos pontos do maximo interesse não foram ventilados com a devida proficiencia, grandes lacunas se encontram no corpo do nosso trabalho,—somos os primeiros a confessal-o,—que esta confissão actue de modo favoravel sobre o animo do illustrado jury que terá de apreciar a nossa prova final.

PRIMEIRA PARTE

I

O amor e o odio — eis as duas unicas paginas que resumem o livro inteiro da vida humana, «os seus dous elementos mais profundos, as duas manifestações mais necessarias da personalidade.» (1) Eis os estimulos constantes das nossas acções, o duplo aguilhão com que a natureza nos conduz aos seus fins, desde o instante em que enviamos no berço o nosso primeiro sorriso ao rosto da mãe que nos contempla, até ao momento em que, no termo da nossa carreira, a custo sustemos entreaberta a lousa do sepulcro para recolhermos a derradeira lagrima d'um ser amado. Qual é dos actos humanos que não conheça por movel um sentimento apaixonado, qual a manifestação moral que não volteie em torno d'estes dois pólos da

(1) Feuchterslebeu, Hygiéne de l'âme.

sensibilidade psychica?—A existencia d'estas secretas agitações é uma prova da vida, é uma demonstração eloquente da nossa actividade,—emquanto que a sua ausencia, é o tédio de si proprio, a prostração completa das forças psychicas, a sua paralyisia fatal. A paixão embriaga por vezes o espirito, mas a indiferença prostra-o; uma será talvez a doença, mas a outra é certamente a morte. «As paixões, dizia Voltaire, são os ventos que turgem as vélas do navio; algumas vezes submergem-no, mas sem ellas elle não poderia vogar.» Não são pois excrescencias morbidas que se possa extirpar com todo o horror que ellas inspiravam ao estoicismo antigo,—são elementos indispensaveis da organização moral, são as impressões que os dedos do Creador deixaram no substratum animico do sêr humano.—Mas que temerosos resultados não podem ter para nós quando a nossa razão se deixa fluctuar á mercê das suas inspirações extremas?—O vicio, a immoralidade, o crime, a propria loucura esperam-nos no fundo d'este despenho por onde os seus impulsos nos fazem resvalar. É que a paixão é a mãe do crime, como o estado de transição entre a razão e a insensatez. Sem voltar de todo as costas á primeira, estende avidamente os braços para a segunda. É uma loucura moral, uma allucinação da alma.

Sem tentarmos proceder a uma historia completa d'este estado psychologico, vejamos se estas expressões devem ser consideradas pela psychiatria como comparações sem importancia.

Na paixão as faculdades affectivas são as primeiras alteradas, mas a alteração não pára aqui; de prompto se propaga aos outros elementos do espirito, ás faculdades

intellectuaes, á propria consciencia. Tudo gira n'este movimento desordenado, tudo se revolve arrebatado no mesmo turbilhão. O apaixonado só tem ouvidos para o que lisongeia os seus intimos desejos, olhos para os defeitos do sêr que odeia ou para as boas qualidades do que ama. É umas vezes o amor que o cêga sobre imperfeições patentes aos olhos de todos, é outras vezes o odio que multiplica vicios imaginarios, envenena expressões innocentes ou deturpa comportamentos leaes. Tudo o que não vibra a unisono da tormenta que lhe estôa na alma, tudo o que não entra no circulo em que os seus pensamentos se debatem,—tudo isso o irrita ou deixa indifferente. Circumscripto á contemplação egoista do mundo chimerico architectado pela paixão, porfia em abandonar-se a este autophagismo psychico, sem muitas vezes voltar os olhos para os successos que em torno d'elle se passam. É só no momento em que estes acontecimentos, engrenando com as rodagens das suas aspirações, lhes parecem interessar por qualquer fórma, dispensar-lhes uma protecção ainda que remota,—é só então que elle entra deveras na circulação social, que se reconcilia com a vida commum. O facto mais insignificante, desnaturado, não pelos sentidos intactos, mas pelo sensorium que lhes aprecia o trabalho, o acto mais estranho talvez á sua individualidade, é interrogado com ancia, arrastado perante o juizo inquisitorial que se lhe funda no espirito. Tudo se relaciona com o seu proprio interesse, tudo se lhe refere. Um vênos individuos do seu trato outros tantos inimigos seus, descobre por toda a parte vestigios d'uma conspiração planeada contra elle,—como este alienado, victima do delirio das perseguições, que julga encontrar a cada canto

uma pessoa apostada a assassinal-o, a cobril-o de toda a casta d'insultos ou a submettel-o ás mais refinadas torturas. Outro, por uma avaliação extrema do mérito proprio, vê desenhar-se na physionomia de todos os signaes irrecusaveis d'uma inveja que lhe lisongeia o orgulho,— á semelhança do megalómano que explica a sua estada no asylo pela inveja que as suas altas qualidades inspiravam áquelles que haviam sido a causa de tão injusta detenção.

Todavia o apaixonado póde mostrar-se muito sensato a respeito do que se não refere aos sentimentos que o dominam, da mesma fórma que o morosopho póde raciocinar com acerto sobre tudo o que não prende com o objecto especial do seu delirio. Mas a semelhança vae mais longe. Vê-se com frequencia um homem que é o joguete d'uma paixão criticar um comportamento alheio ditado por sentimentos analogos. É o ambicioso que estigmatiza a ambição dos outros, o avarento que se ri da avariza do seu visinho, o ciumento que se diverte com as precauções ridiculas que os zélos inspiram a um amigo. Estranha aberração moral que lhe venda os olhos do entendimento para os seus erros e que lh'os deixa abertos para os dos outros, que lhes não permite muitas vezes avaliar o absurdo, a immoralidade dos seus desejos, e que entretanto concede que se arvorem de boa fé em juizes sensatos de acções da mesma especie! Pois bem, não se observará um facto semelhante no procedimento d'esta theomana que, recolhida n'um asylo, affirmava ter sido enviada por Deus no meio das pobres doudas, como ella dizia, para ser o seu anjo da guarda, para as proteger e

consolar, impedindo que resvalassem no abysmo cavado a seus pés (1)?

A paixão affecta gradações insensíveis, desde a exaggeração d'um sentimento puro, desde a simples accelleração das pulsações d'uma das arterias da alma, até á manifestação violenta d'uma impulsão perversa, até á consummação d'um acto criminoso, até á organização definitiva da immoralidade transformada pelo habito como que n'uma segunda natureza. É nos derradeiros termos d'esta série que surgem as difficuldades práticas de todos esses problemas delicados com que o medico legista se encontra tantas vezes a braços; é n'elles que em tantos casos debalde se reclama da psychologia o dynamometro com que possamos apreciar a força da responsabilidade moral. Quando a paixão parece apoderar-se de todos os elementos de espirito e os converte em fieis instrumentos dos seus designios, impondo silencio aos sentimentos antagonistas, deixando a razão e a consciencia como intrusas nos proprios dominios, — esta funda perturbação do livre arbitrio não deverá ter antes o nome de loucura? Distanciará muito do maniaco furioso o homem que, n'um assômo de colera, cova em si proprio a furia que o senhoreia, despedaça todos os objectos que o circumdam, ou fere indistinctamente as pessoas que se lhe avizinham? E que diremos nós dos fanaticos?

Quem poderá, a não ser Deus, sondar com segurança a consciencia d'esses homens que morrem hoje, convictos de terem o direito d'ir amanhã bater ás portas do

(1) Calmeil, da loucura, T. 2.^o

ceu com as mãos tintas no sangue d'um irmão? Não é um calculo egoista que os impelle, já que elles são os primeiros a pregarem uma abnegação completa, a fazerem o sacrificio da propria vida,—como esses indios que se precipitam aos milhares nas ondas sagradas do Ganges, ou como estes infelizes maharatas que se deixam esmagar com alvoroço pelas rodas dos carros que transportam os seus idolos monstruosos. Não é tambem só a falta de educação moral ou de cultura intellectual que lhes inculca na alma paixões d'esta potencia; como prova d'isso bastar-nos-ha citar entre outros o nome de Bossuet que vemos preencher um papel tão activo na revogação do edito de Nantes.—O que n'elles impera é uma cegueira moral contra quem vêem naufragar tantas vezes as mais sólidas educações, as intelligencias mais esclarecidas, as almas dotadas de sentimentos mais puros. Esta obcecção do senso intimo faz-lhes vêr um commettimento louvavel no que é e deve ser uma acção monstruosa aos olhos da historia e da justiça,—como o theomano que não duvida obedecer a vozes celestes, a visões sobre naturaes que lhe ordenam, como a um segundo Abrahão, o sacrificio d'uma pessoa querida. Será criminoso, será doudo o árabe que, sob a influencia de prejuizos tornados tradicionais no seu paiz, julga cumprir um dever ao conformar-se com as ordens de seu pae que lhe ordena o assassinio da mãe, surprehendida em flagrante delicto de adulterio (1)? Não de verá ser irresponsavel um homem como este que permanece impassivel depois da perpetração do crime,

(1) Fissot, *La folie*, pag. 138.—

sem que o espinho de remorso lhe venha pungir a consciencia?

A razão e a loucura, de facil distincção nos casos extremos, fundem-se pois e combinam-se nos intermedios em proporções tão variaveis, que difficil e muito será por vezes decidirmos se o examinado é um doudo com restos de razão, se um homem são d'espírito com parcella de loucura. São estados normaes comparaveis a esses temperamentos delicados em que a saúde e a doença se conservam n'um equilibrio instavel. «Existe uma escala de factos, da mesma natureza no fundo que a *loucura lucida*, que a preparam, que formam como que a rampa morbida por onde se chega até ella, e que, sob a denominação commum d'insanidade, representam a meus olhos os intermedios evidentes entre a razão e a loucura» (1) Nas mais elevadas classes da sociedade encontra-se a cada passo estes sêres um tanto ambiguos, que sob o pseudonymo de originaes, excentricos ou extravagantes, occultam muitas vezes pretenções de candidatura á denominação talvez mais propria de insensatos. Mas é sobretudo nas camadas inferiores dos grandes centros de população que se observa exemplos frisantes d'esta aliança instavel de dois estados tão oppostos. E' alli que se rojam estes sêres duvidosos, rachiticos, mal conformados, que trazem gravado na physionomia um estigma indelevel que já mais escapa aos olhos experientes da policia. Não é só a mão do vicio que lhe cavou na face as rugas onde os signaes da dignidade humana se parecem

(1) Fournet, *Doctrine organo—psychique*, pg. 4 e 5

esconder um após outro; a educação perversa em que estes infelizes vegetaram desde o berço não é a unica delinquente na confecção d'esta monstruosidade moral onde a mediocridade da intelligencia e a falta d'energia da vontade se podem encontrar associadas a uma sagacidade singular na prática do crime; a falta de instrução, o espectáculo frequente de maus exemplos, não foram os unicos elementos productores d'este rebaixamento do nivel psychico; — n'estes factos o medico deve encontrar além d'isso mais uma prova da potencia da hereditariedade morbida. Se um dia procurassemos immergir n'este lodagal humano, que nos momentos das grandes crises se vê por vezes fluctuar á flôr da sociedade, iriamos por certo descobrir mais desherdados da natureza do que faccinoras endurecidos no vicio.

Muitos de entre elles, descendentes de epilepticos ou alienados, victimas tambem de qualquer d'estas doencas ou d'outra da mesma especie, reúnem a uma paralyisia mais ou menos completa dos sentimentos moraes uma deterioração quasi geral das visceras mais importantes. Observadores que tiveram occasião de proceder a numerosas autopsias mostram-se concordes em admittir a existencia de lesões multiplas n'estes individuos. Bruce Thomson, medico da prisão geral da Escocia, publicou sobre assumpto um trabalho importante que foi trasladado em resumo por Despino no seu tratado recente sobre a loucura. «Não havia um unico d'estes sêres, diz elle, de quem se podesse dizer ter succumbido a uma doença determinada, poisque quasi todos os seus orgãos se encontravam mais ou menos doentes, e, se alguma cousa me admirava, era que a vida podesse ser supportada por um orga-

nismo tão alterado.» As faculdades mentaes jazem n'um estado analogo. Incapazes de conceberem qualquer cousa um pouco superior á arêa em que circumvaga a sua astucia, propria do animal que foge perseguido ou que se aninha espreitando uma prêza; ineptos para toda a operação que possa depender da memoria ou d'uma attenção continuada,—quasi inteiramente surdos, como parecem, á voz do remorso,—estes infelizes talvez se apresentem desarmados como a fêra perante a impulsão criminosa que os assalteia. A influencia da transmissão hereditaria, patente n'estes casos, revela-se ainda mais claramente no facto seguinte: Muitas crianças arrancadas em tenra idade á mais infima classe de Londres, educadas nos melhores collegios, não só se tornaram incapazes de seguir ao depois qualquer profissão, mas na maior parte denotaram tendencias perversas mais ou menos analogas ás dos seus progenitores.

Tudo tende, em ultima analyse, a fazer-nos suppôr que estes individuos não são inteiramente responsaveis, e entretanto ainda hoje a acção da justiça faz pesar sobre elles as condemnações mais rigorosas.

Não será da obrigação do alienista demonstrar á magistratura que estes párias sociaes são mais dignos da sua complacencia que d'uma severidade cruel?—Mas longe de nós o pensamento de generalisar em demasia este beneficio, estendendo-o, como alguns authores fizeram, a todos os criminosos. Eis uma doutrina contra que protesto energicamente.

Vejamos de que maneira estes alienistas, mais philosophos do que medicos práticos, foram conduzidos a supprimir esta zona média, como lhe chama Maudsley,

que deve tão sómente ser reservada para os casos duvidosos que pareçam fluctuar entre os limites da loucura e da sanidade de espirito.

Igualdade radical do louco e do criminoso, falta de imputabilidade nas suas acções, — taes são as palavras inscriptas na bandeira do seu partido, tal é a interpretação medica das theorias psychologicas preconizadas n'esta escola. Tudo se deriva da maneira como encaram o grande problema da liberdade moral. No seu modo de vêr, a actividade humana, transformada n'uma balança, obedece á pressão dos motivos que sobre ella pesam e lhe communicam uma direcção facil de se prever, caso se tivesse o conhecimento rigoroso da capacidade potencial dos agentes. Esses motivos são forças, d'intensidade muito diversa, que actuam sobre a alma como um dos meus dedos sobre esta esphera. Propellida n'um unico sentido, ella mover-se-ha n'elle; collida entre duas impulsões contrarias, deslizará na direcção da maior. E' uma questão de mecanica, bem mais simples do que os problêmas de mathematica, de calculo integral e differencial, a que Herbart reduzia a metaphysica. A actividade d'um homem, d'um ser intelligente, d'uma entidade voluntaria, não póde determinar-se á falta de causas que a solicitem. Ora, quaes são essas causas? São os desejos que lhe brotam a cada instante no espirito, sem que a sua vontade possa intervir no seu nascimento ou modificar a sua intensidade. São elementos instinctivos que se nos impoem, subtraindo-se no seu modo de acção á alçada das faculdades intellectuaes.

O espirito humano é assim lacerado em dous fragmentos por esta escola fatalista devéras. D'um lado fi-

cam as faculdades intellectuaes, do outro as moraes ou instinctivas, como elles dizem, faculdades que, radicalmente distinctas nos seus fins e natureza, formam desde então os dous pólos da alma. As primeiras teem por destino fazer-nos conhecer os seres criados, e portanto não podem remontar até á cuusa das causas; as segundas comprehendem as aspirações, as tendencias, os desejos,—todas estas intimas impulsões que accidentam a superficie do *eu*, todos estes estimulos secretos, instinctivos, irrationaes da nossa actividade. Estas faculdades encontram-se pois quasi divorciadas do intellecto; são a mera expressão de necessidades psychicas, como os instinctos physicos a traducção brutal das necessidades organicas. As intellectuaes, essas permanecem no segundo plano, ou como espectadoras d'estas scenas em que as outras preenchem o papel activo, ou como raras e pouco attendidas conselheiras, que, uma ou outra vez, se atrevem quando muito a dar a mão ao instincto, fornecendo-lhe os poucos meios ao seu alcance que podem servir-lhe para conseguir com mais certeza o seu fim. «A intelligencia, a reflexão, podem por certo contribuir e auxiliar o instincto, em certos casos, a desenvolver e dar maior firmeza á sciencia instinctiva, mas sómente quando guiadas pelo elemento instinctivo no seu trabalho investigador. Isolada a intelligencia não o pode conseguir.» (1)

São faceis de prever os corollarios que d'estas premissas fundamentaes procedem para o nosso caso. Quando um motivo qualquer, um instincto, um desejo immoral,

(1) Pr. Despine, De la folie, pg. 33

surge de arrancada no seio da alma, a intelligencia, a razão não podem oppôr-lhe uma resistencia efficaz,—todo o combate ficaria baldado, nem ellas o intentam. Só outro elemento da mesma natureza, um sentimento contrario, irracional, o amor do bem, o sentimento do dever, pode libertar-nos das cadêas com que o primeiro havia escravizado a vontade. Tanto o alienado como o criuinoso podem possuir as noções abstractas do bem e do mal, do justo e do injusto, mas o que certamente não possuem é esta paixão antagonista que os induza a procurar e amar uns, a repellir e aborrecer os outros. D'uma parte pesa o impulso apaixonado, pela outra actua o sentimento contrario; ou se dá o equilibrio, ou então a vontade, que é o fiel d'esta balança, inclinar-se-ha fatalmente para qualquer dos lados. A culpabilidade é pois uma palavra sem significação no fôro intimo da consciencia, nos bancos do tribunal, na vida moral da sociedade.

Eis o modo de vêr que, remontando ao systema philosophico de Spinoza ou ainda mais longe, representa a palavra de ordem d'uma escóla cada vez mais pujante, o positivismo, que tende a avassallar toda a sciencia moderna. E' Littrè, um dos seus mais illustres corypheus, que nos diz o seguinte: «quand on se laisse pènètrer des faits et des raisons, non seulement on reconnaît que le libre arbitre n'est pas, mais encore qu'il paraît inintelligible et contradictoire...» (1) Schoppenhauer, dando as mãos ao pantheismo de Hegel e Schelling, toda a psychologia ingleza actual, na pessoa de Bain, Herbert Spen-

(1) Philosophie positive, n.º de setembro e outubro de 1868.

cer, Stuart Mill, seguem com ligeiras variantes as mesmas idéas, entregando-se por vezes a uma reproducção monotoná d'estes mesmos argumentos que ha dous seculos os theologos e philosophos desfechavam mutuamente em discussões eternas que os autos da fé quasi sempre resolviam.

Estas doutrinas que por largo tempo se haviam circumscripto aos dominios da philosophia pura, não tardaram a encontrar na psiquiatria um acolhimento li-sonjeiro. Um dos seus adeptos mais ferventes foi Dally que em 1863, no seio da sociedade medico-psychologica não duvidava dizer que «o livre arbitrio é apenas uma concepção chimerica, a responsabilidade moral um prejuizo, e que o motivo dos nossos actos, o motivo do crime, por exemplo, impoem-se tão irresistivelmente á acção, como a evidencia ao espirito.» Pr. Despinae, apesar das suas apparencias conciliadoras, labora a final no mesmo terreno. Elle admite a existencia do sentimento do devêr, capaz de resistir á influencia dos instinctos immoraes; define este sentimento a obrigação sentida pela consciencia de fazer o bem independentemente de toda a idéa de recompensa; mas de que bem se trata n'este caso?—

Se é do nosso bem, este sentimento apparece-nos tão egoista como os outros, não merece o valôr especial que se lhe concede, não pôde possuir a potencia excepcional que se lhe assigna; se é do bem geral, o devêr não será um sentimento, será uma abstracção, uma idéa da razão, o que s'encontra em desacordo com a base instinctiva da sua psychologia. Eis no fundo o mesmo fatalismo.

Vejamos rapidamente como se deve considerar estas idéas.

Que a actividade humana, intelligente como é, não deixe de obedecer a certos motivos, admittimos nós, pois que de outra fórma ficaríamos reduzidos á condição de machinas vivas, photographias de idiotas, verdadeiros automatos que não reconheceriam um fim á sua vida, um destino á sua actividade, aos seus actos inconscientes uma causa. A vontade para ser livre necessita em primeiro logar de ser esclarecida. Mas uma cousa é dizer-se que nos determinamos por motivos, e outra sustentar-se que os motivos nos determinam, pois que elles não são causas efficientes, são meras causas occasionaes das acções humanas. Quando muitas d'ellas concorrem n'uma dada occasião, a consciencia do homem, o tribunal superior da sua razão, aprecia-as devidamente, delibera com madureza sobre o seu character moral, compara-as e procura aquilatal-as no seu valôr. E' de todo este trabalho, por vezes tão complexo, que se causa a final a determinação,—facto definitivo que não depende da mera verificação que a intelligencia faça da preponderancia inicial d'esses motivos, pois que é muitas vezes esta operação intellectual que faz nascer novos motivos, que assigna a uns um valôr que sem isso contestariamos, que obriga a descer outros do logar eminente que a principio lhe havíamos conferido. Certamente que as cousas nem sempre se passam com esta limpidez. Não é gratuita para a alma a sua hospedagem no corpo; ella tem de submetter-se em parte ás influencias organicas, ás doenças, aos habitos, aos modificadores externos. Assim como a saude perfeita é quasi um ideal inacessivel, da mesma fórma este equilibrio harmonico, esta simultaneidade rigo-

rosa na acção das faculdades mentaes raras vezes se produz. Felizes seriamos se o contrario succedesse.

Mas tudo isto em nada altera a essencia do livre arbitrio.

Este não é caracterisado pela razão, pela vontade, pelo combate dos sentimentos, por todos estes elementos isolados, é o producto da sua relação harmonica, o signal do maximo desenvolvimento da alma, o cunho da sua virilidade. A consciencia é o primeiro degrau do seu throno, a vontade é o ultimo. Entre ambas seriam-se depois as outras faculdades que todas conspiram para o mesmo fim supremo, a organização definitiva da liberdade moral que não é um factor independente, uma autocracia isolada, mas o conjuncto luminoso, a resultante dos elementos potenciaes d'esta actividade psychica. Que um d'elles vacille ou fraqueie, e o livre arbitrio oscillará tambem. A alma tem como o corpo um codigo de leis, ou para melhor dizer-se, uma fundamental que encerra todas as outras,—mas emquanto que o segundo as tem de seguir necessaria, fatalmente, o Creador, ao passo que outorgou a primeira a lei moral, concedeu-lhe o poder de a respeitar ou infringir. A liberdade não é pois, como dizia Comte, «o cumprimento fatal d'uma lei imperturbavel,» pois que na propria occasião de cumprir as determinações d'essa lei, o homem não deixa por isso de se reconhecer capaz de a violar se o tivesse querido ou se a razão lh'o consentisse.

Nada ha pois aqui de fatalidade, o que apenas é fatal é a natureza, a substancia d'esta lei moral que o homem não póde alterar como não muda a lei que rege a queda d'este grave que a minha mão abandona. Pode-lhe

fazer tomar uma direcção differente, suspendel-o em meio do seu descanso, mas os termos da lei continuarão a ficar de pé. Quando mesmo a vontade, escravidada por uma paixão excessiva, parece fluctuar dentro do circulo fatal onde a liberdade não entra,—uma opposição interna, talvez inutil e mesquinha, mas incontestavel, organisa-se de prompto contra ella. Póde a impulsão viciosa assoberbal-a, mas esta victoria é só comprada á custa da coacção do mais fraco,—coacção que representa a prova mais clara da existencia do livre arbitrio, que se revela no intimo combate empenhado entre a paixão e a consciencia, que se evidencia no remorso pungente que succede á perpetração d'um crime.

Encaremos agora a questão debaixo de outro ponto de vista. Se nós por uma estranha aberração de principios, supprimissemos a distincção que separa o crime da loucura,—a que limites ficaria reduzida a missão importante que pesa sobre o alienista em face da justiça?—Que attenção poderiam merecer aos olhos d'um magistrado theorias como estas que parecem ter por objecto especial das suas aspirações a dissolução das bases inabalaveis em que a sociedade se firma?—Qual poderia ser o seu comportamento perante um criminoso que a medicina lh'indigitasse em todos os casos como um louco?—Ou infringiria indistinctamente o castigo inscripto no codigo penal, o que, além de injusto, seria cruel, ou, comprehendendo o alienado e o criminoso na mesma benção paterna, sujeitaria o segundo a um tratamento temporario que, além de ser uma garantia illusoria do interesse social, representaria um attentado manifesto contra o direito commum.

O magistrado, encontrando n'estas idéas farto alimento para as suas duvidas, exclamaria como os seus collegas de 1830: «Que necessidade temos nós da medicina para apreciar as desordens da intelligencia?— Se a loucura é evidente, qualquer a pôde reconhecer pelos seus furores e extravagancias; se ha duvida, esta subsiste igualmente para o medico». (1) O delirio seria desde então o unico signal positivo da loucura, como em épocas passadas em que os doudos, condemnados a todas as torturas que o mysticismo dominante lh'impunha a titulo de expiação, uivavam como feras enjauladas d'encontro ás grades dos seus carceres.—Tem ou não a sciencia prestado serviços relevantes á causa da humanidade, arrancando por mais d'uma vez das mãos severas da justiça desgraçados que tinham por unico delito esse estigma fatal que a natureza lhe gravara no espirito? — Pois bem, se o livro da justiça humana já não conta hoje tantas maculas como outr'ora, dever-se-ha tal beneficio á identificação do crime com a loucura, ou á persistencia louvavel dos principaes alienistas em proclamar a diversidade essencial d'estes dous estados?—

Brunet, (2) entre outros authores, contestando a qualidade benefica d'este serviço, pretende concluir que no proprio interesse do louco deveriamos confundil-o com o criminoso, submettendo o primeiro á sorte relativamente mais suave que a lei reserva para o segundo. Em muitos casos assim é. O doudo, condemnado a um sequestro

(1) Trélat, folie lucide.

(2) Brunet, Annales medico-psychologiques, T. 8, p.

que só com a vida termina, encontra-se por certo em peores condições do que este homem, encarcerado n'uma prisão temporaria, ou do que os regenerados de Cayenna que vivem á custa do seu trabalho, em meio d'uma familia que os ama, sob a benevola vigilancia d'uma authoridade que os protege. Collocada a questão n'estas condições, o destino d'um seria muito preferivel ao do outro. Mas que dizer da pena capital, da prisão cellular vitalicia, das mil provações que o degradado tantas vezes experimenta n'uma terra inhospita, exposto aos mais duros tratos, longe das consolações d'uma pessoa querida?—E ainda que tudo isto se não desse, a consciencia do alienista ficaria descansada ao accusar d'um crime qualquer homem que a sciencia lhe indigitasse como irresponsavel?—Que se procure suavisar cada vez mais o destino do alienado, eis o que nos aconselham a sciencia e a caridade; mas que o não maculemos com o mesmo labéu que só deve recahir sobre o criminoso, eis tambem o dever que o amor da justiça nos impoem.

Apesar das analogias que a loucura mantem com a paixão e portanto com o crime, reinam differenças que jámais devem ser menosprezadas em medicina legal, pois que ellas se podem accentuar por tal fórma que se consegue discriminar a verdade em casos onde a psychologia é quasi a unica origem dos nossos esclarecimentos. A ausencia do remorso no alienado, que permanece impassivel em presença da sua victima, ou que apenas experimenta o desespero de se não poder forrar ás suggestões que o perseguem; o contraste que apresenta o acto commettido com o seu character, comportamento anterior, tendencias habituaes, contraste que póde subir

a ponto de o tornar moralmente desconhecido; a falta de movel rasoavel das suas acções, quando levanta o braço contra um ser que estima e de que não tem o minimo agravo, ou quando nenhuma satisfação egoista, moral ou material, recolhe de seu crime; a ausencia de premeditação, o seu processo de defeza perante a justiça—todos estes e outros caracteres que os livros enumeram devem ser acatados pelos alienistas em questões de tanta delicadeza e responsabilidade como as de medicina legal. Mas digamos desde já que estes symptomas psychicos estão longo de poder aspirar aos foros d'um criterio geral. E' no caracter pathologico da loucura, na sua natureza morbida que nós devemos ir procurar os elementos differenciaes mais importantes, pois que «il existe entre la passion et la folie une démarcation qui les divise de tout l'intervalle tracé entre les deux états physiologique et pathologique.» (1) Eis o que tentaremos demonstrar no decorrer do nosso trabalho.

II

«O mais notavel e unico caracter da loucura, dizia Maine de Biran, é que o sentimento do eu cessa ou fica suspenso ao mesmo tempo que a vontade ou a força livre activa que determina a locomoção do corpo e as operações propriamente ditas do espirito.»

(1) Delasiauve, Annales médico-psychologiques, T. 4.º

«Na loucura o mecanismo das faculdades intellectuaes e moraes marcha espontaneamente, como se o freio que modera e dirige esta rodagem tão complicada estivesse quebrado» (1).—Taes são as expressões de Luys que, em nome da medicina, quasi reproduz a idéa fundamental que Biran tinha exprimido como philosopho. O alienado não se conhece e portanto não se pertence. É a inseparabilidade d'estes dois termos, a alliança indissolvel do conscius sui e do compos sui, que forma a caracterisação da loucura. O doudo é um machinismo vivo, falto de determinações voluntarias, que trabalha sem comprehender o alcance das suas acções, sem as referir a um motivo de certa consideração perante a sua intelligencia. O eu e o não eu são palavras para elle sem sentido. A sua actividade, circumscripta a um circulo fatal, só encontra um termo de comparação no movimento uniforme do planeta em torno do centro da attracção solar. Eis o automatismo, expressão mendigada ao mundo physico, recebida na biologia com uma accitação cada vez maior. Os actos dos alienados, as suas idéas, todos os phenomenos psychicos, todas as operações do seu espirito, são comparados com os movimentos involuntarios do corpo que outro phenomeno physico origina por acção reflexa. O homicidio praticado pelo megalomano que julga satisfazer por este meio a sua ambição insensata é collocado ao mesmo nivel que o vomito provocado pela tillação da uvula.—Vejamos se os factos corroboram estas idéas.

(1) Luys, *Anatomic et physiologie cérébrales*.

Nos ultimos degraus da escala da alienação, nós encontramos por certo este rebaixamento do sentimento da personalidade, esta privação completa da consciencia, este verdadeiro automatismo que Maine de Biran tinha arvorado em criterio da loucura. Quasi privados de sensibilidade, os idiotas, com effeito, ou não resentem o minimo soffrimento, ainda que sobre si mesmos operem as maiores mutilações; ou quando accusam alguma sensação dolorosa, ignoram qual a causa que lhe deu origem, e não comprehendem se esta causa reside no proprio corpo ou fora d'elle. A linguagem acha-se abolida por falta de pensamentos que a alimentem, e é só por gritos roucos e inarticulados que traduzem as necessidades organicas mais urgentes. Outras vezes nem mesmo por tal fórma se exprimem, e estes sêres collocados pela sua degradação moral abaixo dos proprios animaes, deixar-se-hiam morrer d'inanição, insensíveis ao aguilhão da fome, se a mão d'uma pessoa caridosa lhes não proporcionasse um alimento que elles recebem com a mais completa indifferença. Um d'estes idiotas, coberto de lixo, immovel, jazendo n'um monturo d'immundicias, deixa que os ratos lhe roiam os membros e laborem o abdomen; (1) outro lacerava a face com os dedos, como quem se diverte com objectos estranhos; (2) outro ainda, surprehendido por um incendio na casa em que residia, continua a balancear a cabeça n'um movimento rhythmico até succumbir asphixiado pelo fumo. Eis os unicos, os verdadeiros automatos.

(1) Tissot, *op. cit.*

(2) Esquirol, *Des maladies mentales*, 1838

Para os encontrarmos, forçoso nos é descer um a um todos os degraus da atrophia psychica até se deparar com esta anihilação mental que inspiraria inveja a um *sophi illuminado* do oriente. Mas estes casos não formam a regra no proprio idiotismo, antes são raros, ou melhor extremos. Antes do se deparar com elles, passa-se uma série de termos anteriores em que o vigor do intellecto decresce d'um modo progressivo, como o senso intimo que se oblitera por gradações insensíveis.

A sua intelligencia, ainda que enfraquecida, lampeja d'onde a onde, e o machinismo da sua vida não obedece á engrenagem exclusiva dos elementos organicos. O definhamento das suas faculdades nada tem de absoluto. Á medida que algumas d'ellas quasi que não existem, outras podem adquirir um alcance relativamente excepcional. Sirva d'exemplo o desenvolvimento notavel que a memoria apresenta por vezes em certos idiotas que retêem e reproduzem com facilidade uma longa serie de palavras, um discurso inteiro, cujo sentido entretanto lhes escapa. Falret ⁽¹⁾ diz-nos ter conseguido ensinar a lêr e escrever a um grande numero de mulheres idiotas, algumas das quaes puderam fazer a sua primeira communhão.

Habeis em geral nas profissões manuaes ou trabalhos d'imitação, denotam por vezes uma aptidão fóra do commun para certas operações intellectuaes mais elevadas. Assim M. Moreau (de Tours) cita os irmãos Mondeux, pela sua aptidão prodigiosa para os calculos mathematicos,

(1) Falret, *Leçons cliniques*, etc.

aptidão que nunca pode ser applicada a trabalho algum scientifico, em razão da sua falta d'intelligencia.

A obcecção radical da consciencia encontra-se pois tão sómente nos gráus extremos do idiotismo, n'esta região limitrophe dos dois reinos do cosmosvivo, que não é tanto uma anomalia psychica, uma doença como a loucura, mas uma enfermidade teratologica. Este estado, congenito o mais das vezes, depende d'um vicio de conformação ou d'uma lesão accidental do cerebro que viesse oppôr um obstaculo d'extensão variavel ao exercicio ou desenvolvimento das faculdades mentaes. É umas vezes a ossificação precoce das suturas cranianas que traz consigo a suspensão no crescimento da massa encephalica; outras vezes condições etiologicas variadas que determinam a atrophia geral ou parcial dos hemispherios cerebraes; outras ainda anomalias mysteriosas que se operam durante a vida fetal no cerebro do futuro idiota, anomalias em que a hereditariedade preenche o papel mais importante;—é, n'uma palavra, tudo aquillo que, pondo embaraços á evolução normal do orgão do pensamento, parece ir estreitando cada vez mais o circulo mental d'estes infelizes, desde o enfraquecimento intellectual do simples de espirito, até á negação completa da alma do automato.

Depois de tudo isto poderemos chamar doudo a um idiota? Que differença tão profunda não separa um do outro? — O perpassar d'allucinações fugitivas, o tumultuar de paixões tresloucadas, a erupção d'impulsões violentas, a exaltação das sensações, a surexcitação dos sentimentos, tudo o que é symptoma do trabalho mental do verdadeiro alienado, tudo o que manifesta uma vida ano-

mala mas activa,—tudo isto se desvaneece, tudo se funde na mudez do silencio que pesa sobre este craneo, tumulto do cerebro improductivo d'um idiota.

O louco não é portanto um automato, é uma potencia activa que pensa, que sente, que manifesta uma vontade mesmo energica na execução dos actos tresvariados que medita. As faculdades intellectuaes não lhe faltam, antes conservam por vezes um aspecto tão normal em certos momentos onde as idéas predominantes da sua loucura não entram em jogo que muitos individuos, conversando com alguns d'elles, ouvindo as queixas que proferem contra a injustiça da sua detenção no asylo, apreciando as accusações que dirigem contra as pessoas indigitadas pelo seu delirio como instigadoras ou cumplices de tal propotencia, retirar-se-hiam preocupados ou persuadidos do que o alienado lhes diz, se um reviramento subito do comportamento do seu interlocutor, a proposito de qualquer circumstancia que por incidente lhes pinsa a corda lesada da alma, lhes não fizesse vêr o motivo justificado do seu sequestro. Outros tão bom uso fazem das suas faculdades no seio da sociedade, que a sua doença, cujos accessos teem logar na vida domestica, passa por muito tempo desaperecebida até ao instante em que um acontecimento casual vem demonstrar a altura a que pode chegar a resignação heroica d'uma familia inteira. U. Trélat, no seu livro excellente sobre a loucura lucida, apresenta-nos mais d'um exemplo de factos d'esta ordem. Mas ha mais. A apparencia de bom senso pode ir tão longe, a dissimulação do alienado pode ser tão completa perante a propria authoridade, que esta não tem duvida-

do muitas vezes reclamar e pôr em liberdade um doente, victima supposta d'uma repressão injusta.

Outras vezes, como na exaltação maniaca de Falret, não ha propriamente delirio,—nota-se apenas uma excitação de todas as faculdades mentaes. A memoria reproduz-lhe de prompto um cem numero de acontecimentos que o movimento incessante da vida lhe fizera olvidar,—os pensamentos succedem-se com rapidez, mil projectos se atropellam, os planos mais variados perpassam de corrida n'este verdadeiro torvelinho d'idéas. Sujeito a insomnias frequentes, elle tem necessidade d'uma locomoção quasi continua; multiplica os passeios, as viagens, as corridas fóra de proposito. Nada pois se observa aqui de anomalo, a não ser a tal ou qual actividade exagerada do seu espirito, ou as modificações mais ou menos sensiveis do seu character moral, tornado irritavel, malévol, calumniador ou vingativo.

O alienado, accommettido por uma impulsão criminosa, quasi sempre descursa de todas as precauções. Marcha direito ao seu fim pelo caminho mais curto,—assassina em meio d'uma praça publica, attenta aos olhos de todos contra o pudôr da primeira mulher que passa, como este louco de que falla Renaudin, (1) que pretende forçar uma rapariga de 8 annos, arrastando-a para o canto d'uma rua, sem se importar com os irmãos da victima que não ficavam meros espectadores d'esta scena. Mas nem sempre succede assim.

O doudo revela por vezes uma agudeza excepcional

(1) Annales médico, psychologiques, T. 22

na apropriação de todos os meios que o podem auxiliar na realisação dos seus intentos, por fórma que, examinados superficialmente, poderiam ser considerados como responsáveis e condemnados como alguns o têm sido, apesar das reclamações energicas dos peritos. Muitos d'elles, com effeito, denunciam uma premeditação evidente na perpetração do crime, uma supputação intelligente da natureza da acção que praticam, tanto como a preocupação do seu espirito em evitar as consequencias naturaes do seu procedimento. O facto seguinte, citado por Maudsley, ⁽¹⁾ demonstra quão perfectas não são em muitos casos as precauções que um alienado pôde tomar para dissimular o crime:

«John Bilmann, prêso na penitenciaria do Este (Pennsylvania), como ladrão de cavallo, assassinou o seu guarda em circumstancias que testemunham uma grande ferocidade e ao mesmo tempo uma habilidade extrema em occultar os seus intentos e preparar a fuga. Suspendeu um nó corredo no postigo praticado na porta das cellulas para deixar vêr de fóra o que se passa no interior. Depois resolveu o guarda a passar a cabeça pelo postigo para examinar qualquer cousa no pavimento, mesmo ao pé da porta; n'essa occasião aperta o nó, e sem um incidente, o infeliz ficava estrangulado. Apesar d'este acontecimento, o mesmo guarda doixou-se cahir n'outro lôgro; entra sósinho na cellula em que Bilmann se fingia doente e foi deitado por terra com uma grande pancada que elle lhe deu com um cantaro na cabeça. O assassino

(1) Maudsley, Le crime et la folie.

despiu-o, vestiu-lhe o seu uniforme de prêso, tomou-lhe a roupa e deitou-o na cama; depois, com a maxima indiferença, atravessou o corredôr com o traço de que estava revestido, dirigiu ao porteiro uma pergunta insignificante, e sahiu sem se apressar. Foi agarrado dentro em pouco. A sua loucura era com tudo tão incontestavel, que os magistrados competentes, depois d'um exame cuidadoso praticado por medicos habéis, não duvidaram da sua irresponsabilidade, e no acto do julgamento consentiram na sua absolvição motivada por esta circumstancia!»

Em face d'estes factos e outros muitos que poderíamos apontar, aprecia-se facilmente quaes as condições a que fica reduzido o pretendido criterio geral da loucura que se fundamenta na existencia constante do delirio intellectual, — criterio que vemos figurar como elemento característico na maior parte das definições de alienação mental, emittidas quasi até aos nossos tempos. Vejamos agora o que succede com este outro criterio que se baseia n'uma supposta lesão constante da consciencia. Podemos dizer desde já que nem sempre esta lesão existe. —

O alienado reconhece-se muitas vezes como causa capaz de produzir effeitos, elle tem o conhecimento de tudo o que faz, dos motivos que impellem a sua actividade n'uma certa direcção, dos fins que pretende conseguir pelos actos a que se entrega.

Uma das provas d'isto reside na recordação que em muitos casos, n'um momento lucido ou durante o seu restabelecimento, elle conserva das suas acções, das palavras que proferia, dos pensamentos que lhe acudiam ao espirito, das impulsões que lhe avassallavam a vontade.

É certo que muitos alienados em via de cura possuem tão sómente uma recordação vaga, longinqua do que se ha passado no curso da sua doença, recordação analoga a esta reminiscencia confusa, velada, que o homem acordado tem de ordinario das impressões fugitivas, dos acontecimentos phantasticos d'um sonho; é certo ainda que alguns maniacos, para não fallarmos dos idiotas e dementes, postos fóra da nossa discussão, uma vez reintegrados na posse da razão, debalde interrogam a memoria sobre uma epocha posterior que se lho apresenta ao espirito como inexplicavel lacuna da sua vida. Mas estes casos, multiplicados pelas necessidades technicas dos romancistas, estão longe de constituir a regra. Forbes Winslow (1) demonstrou por meio de um grande numero de observações concludentes, que a memoria não só se conserva no louco, mas pôde attingir um incremento notavel. Basta folhear-se a parte do seu livro que diz respeito ás confissões dos doentes, depois da sua volta á razão, para cahirmos de accordo com o distincto alienista inglez. Entre os factos d'esta ordem seja-me licito referir o seguinte:

« Um exemplo notavel da persistencia da memoria foi-me recentemente fornecido por um velho de 75 annos, que examinei em sua casa, antes de receber no meu estabelecimento. Senhor, me disse elle, fatiguei demais o cerebro, trabalhando com excesso, n'uma idade em que o homem deve descansar. Tinha 70 annos, quando me entreguei a uma occupação que me absorvia todo o tempo.

(1) Forbes, *Maladies obscures du cerveau e de l'esprit.*

Dentro em pouco apercebi-me de que as minhas ideas se tornavam confusas por instantes; julgava ser victima das machinações de individuos que me entravam pela janella para roubarem tudo o que possuia. Um dia muni-me de uma arma ridicula para lhes resistir e chamei a guarda em meu soccorro. Tenho muitas vezes a convicção de que tudo isto não passa d'um sonho, depois recaio nas minhas visões. Ha em mim dois modos diversos de pensar que me fazem crêr que a minha cabeça é dupla. A parte do cerebro em que a luz se conserva, deixa-me a liberdade das minhas ideas, a vivacidade das minhas recordações, aquella sobre que a obscuridade pesa só me permite descobrir chimeras. »

A consciencia portanto subsiste em muitos alienados. Não nos venham dizer alguns authores que procuram conciliar as suas theorias com a realidade dos factos, não nos venham affirmar que se o reconhecimento de si proprio, da sua personalidade, persiste no doudo, não acontece o mesmo com esta parte essencial do senso intimo que julga do character moral das nossas ideas e acções. Ainda n'isto se enganam, e quando propoem esta cegueira moral como criterio exclusivo da loucura, esquecem-se de muitos factos em que estes infelizes, consciuos do seu estado morbido, são os primeiros a reclamar a applicação d'um tratamento que é a sua derradeira esperanza.

Poderão affirmar a persistencia d'esta cegueira nos factos de loucura impulsiva? O alienado, cuja intelligencia está normal, reconhece a immoralidade, a loucura do acto para que se sente impellido, e resiste contra essa força superior que o domina, oppõe á vontade

tresvariada os conselhos que lhe são fornecidos por tudo o que lhe fica illeso na alma, evita as occasiões de poder saciar a necessidade inexplicavel que o atormenta, foge dos logaros habitados pela victima, arremessa longe de si os instrumentos que o podiam auxiliar na realisação do seu desvario, encarcera-se dentro d'um quarto, refugia-se n'um proximo hospital de alienados, implora aos circumstantes que o reduzam á immobilidade, não recua perante o proprio suicidio, como o unico meio que o seu desespero encontra capaz de o libertar d'esse desejo monstruoso em cujos braços se debate.

Casos d'esta especie, vêmol-os nós citados em grande cópia nos escriptos dos principaes alimentos, antigos e modernos, taes como Esquirol, Georget, Trelat, Dagonet, Briere de Boismont, Legrand du Saulle, n'uma palavra, de quasi todos os authores que teem dirigido a sua attenção para este assumpto. Poderemos duvidar da presença do senso moral n'este louco de 13 annos que dizia tantas vezes, porque é que Deus me não fez como os outros homens (Rush)?—Incorrerão ainda na mesma suspeita os alienados que, n'um intervallo de lucidez, dão começo á dolorosa descripção das suas angustias, exclamando que é terrivel para um homem ser doudo e ter a consciencia do seu mal?—(1)

Além dos criterios da loucura que se acaba de passar em revista, procurou-se encontrar outro no facto da allucinação, isto é, da percepção d'uma sensação cujo objecto não tem existencia real. Tal foi a base escolhida

(1) Forbes Winslow, *op. cit.*

com outros psychologistas por A. Lemoine para a sua theoria em que attribue ás illusões sensoriaes toda a actividade anomala da alma do alienado.—«Ha, diz elle, (1) uma certa loucura em que o raciocinio permanece tão firme e se exerce com tanto rigor e correção, que a caracterisaram com o nome de mania lucida. Succede pois que o contagio respeite por excepção esta potencia em determinados casos individuaes? Que tem ella na sua natureza que lhe constitua este privilegio de se subtrahir á loucura? E' impossivel concebello, se persistimos em acreditar que o mal dos orgãos transporta directamente a desordem ás faculdades da intelligencia: aquella pode e deve ser falseada ou abolida como as outras. Explica-se ao contrario a cousa d'outro modo bem diverso, caso reconhecamos que a perturbação intellectual é apenas a consequencia da desordem dos sentidos, e que por si só as leis do espirito fazem seguir d'ideias falsas e juizos erroneos as sensações illusorias.» Estas ideas foram tambem partilhadas por alguns medicos distinctos, entre os quaes devemos citar Mr. Joly, que não duvidou dizer o seguinte na Academia de medicina de Paris, na sessão de 25 de Agosto de 1874: «Se não me engano, o grande erro dos alienistas consiste em não terem sabido referir os desvios da razão ás anomalias dos sentidos, como instrumentos necessarios do exercicio da intelligencia.»

De todos estes authores que admittem semelhantes ideas, nenhum entretanto revelou tanta pertinacia em as

(1) L'aliéné devant la philosophie, la morale et la Société, pg. 314.

defender como foi Schultz-Schultzenstein que pretendeu encontrar n'esta doutrina o meio de terminar, como elle diz, as discussões estereis que teem reinado e ainda reinam sobre a sede organica ou psychica da loucura. Na sua opinião, a loucura é uma affecção dos sentidos, pois que é a mera consequencia das visões. Estas não são apenas symptomas, constituem propriamente a doença. Toda a loucura principia pelos phantasmas dos sentidos que são o embrião do estado morbido. E' em conformidade com estes dados que Schultz define os alienados: individuos cujos sentidos estão doentes e para quem portanto o mundo não é regular.

Depois d'esta rapida exposição das ideas dos principaes authores que defenderam a theoria em questão, passaremos a apresentar os argumentos em que nos fundamos para não a admittir, e para maior commodidade reunil-os-hemos nos quatro artigos seguintes.

1.º—As allucinações existem no homem de posse da sua razão, quer durante um periodo momentaneo de viva exaltação do cerebro, quer no estado de completa placidez do espirito. O primeiro facto dá-se e tem-se dado nos individuos que se entregam ao prolongado exercicio do pensamento, e á excitação resultante da lucta de sentimentos exaggerados ou de paixões violentas;—tal é o caso de todos estes homens celebres, como Pascal, Socrates, Luther, Mahomet, Napoleão 1.º, cujas illusões sensoriaes não podem ser attribuidas, como pretendia Lelut, á existencia d'uma loucura inadmissivel em taes genios. O segundo facto observa-se, quer nos individuos que soffrem de certas doenças oculares, cataratas, ulceras da cornea, etc.,—quer n'aquelles em que o orgão

visual não offerece a minima lesão apparente, como succede com frequencia n'este periodo lethargico de meia inconsciencia que precede ou segue immediatamente o somno. Este argumento poderia talvez ser contestado pelo que diz respeito aos fanaticos, visionarios e apaixonados, pois que estes acreditam e prestam inteira fé como os alienados ao objecto das suas allucinações que o mais das vezes fallam no sentido das suas ideas e paixões predominantes, mas já não pode soffrer a mesma contestação n'estes individuos que permanecem incredulos em face de sensações que elles são os primeiros a taxar de illusorias, á semelhança do que se observava n'este velho que se divertia com as scenas variadas que a todo o instante os seus accessos allucinatorios lhe faziam passar por diante da vista. (1)

2.º—As illusões sensoriaes não são symptomatmas exclusivos da loucura, encontram-se com effeito, em diversas affecções, febre typhoide, hysteria, epilepsia, meningite, eclampsia, hypochondria,—tanto como nas intoxicções effectuadas sobretudo pelas solanaceas virosas, o opio, o alcool, o hachich, etc.

3.º—Não se observam em todas as especies da loucura:—na mania, por exemplo, são bastante raras. (2) Ha muitos alienados que nunca as tiveram ou que apenas as sentiram mais ou menos tempo depois que as faculdades mentaes já revelavam uma desordem manifesta. Devemos até dizer que este é o caso mais frequente, e

(1) Pr. Despinc, cp. cit.

(2) Dagonet, Nouveau traité des maladies mentales. I (1)

que os factos da loucura sensorial, que seriam sómente constituídos por allucinações simples ou multiplas, são relativamente excepcionaes. As estatisticas elevadas modernamente sobre o seu grau de frequencia estão longe de confirmar a sua constancia e aquella que mais favoravel lhes parecia, a de Esquirol, é hoje tida por todos na conta de exagerada.

4.º—Não está demonstrado que as allucinações sejam a causa e não o effeito da loucura. Ellas mantem uma relação intima em demasia com a natureza do delirio que veem complicar. E' assim que na lypemania o doente julga assistir aos quadros mais proprios a inspirar-lhe terror, vê demonios, monstros de fources sangrentas, espadas desembainhadas prestes a feril-o, pistolas apontadas contra o seu peito; é assim que o mégalomano escuta vozes sobrenaturaes que o animam a proseguir nos seus planos ambiciosos e que a todo o momento o confirmam na elevada opinião que formam de si. Demais ha factos na sciencia que parecem demonstrar o papel muito secundario exercido pelos sentidos na génese da affecção mental, fazendo vêr que o delirio, longe de ceder á sua influencia, reage por vezes energicamente contra as suas indicações normaes que desmentem d'um modo palpavel as condições erroneas do alienado. Tal era o caso d'este monomano que, possuido da idea que uma das suas pernas era de vidro, exclamava, ao verificar pelos sentidos o contrario da sua crença invencivel: « eu bem vejo que a minha perna não é de vidro, e comtudo é-o.» (1)

(1) Lagardelle, Gazette médicale de Paris, 1865, pg. 78.

As allucinações não podem pois occupar dignamente o posto superior que se lhes queria conferir; contribuem por certo para alimentar o delirio, imprimindo-lhe maior renitencia, mas não crêmos que por si sós o determinem, porque imaginamos que estes phenomenos são na maior parte das vezes meras consequencias da loucura. Nem d'outro modo explicariamos a crença tenacissima que elles despertam na alma do alienado.

III

A Psychologia não nos forneceu até gora criterio algum seguro, constante, indiscutivel da loucura. Eis a conclusão que naturalmente se deduz das considerações que ficam expendidas.

O delirio intellectual, a falta de consciencia, a presença constante d'allucinações, todos estes pretendidos caracteres que podemos vêr figurar alternativamente na longa série das definições emitidas até hoje sobre a loucura, todos elles vacillam, todos baqueiam a final perante a observação clinica. Nenhum é constante, nenhum pode aspirar ás prerogativas d'um criterio geral. Os estudos feitos n'esta direcção, ha 70 annos, pelos alienistas mais illustres que procuravam encontrar pela analyse abstracta das faculdades mentaes o padrão definitivo das suas desordens, tiveram por unico resultado a cabal demonstração da inanidade de taes pretensões.

A natureza não se concilia com as distincções absolutas que a sciencia humana estabelece, não se accom-

moda aos acanhados moldes que o nosso espirito lhe pretende impôr. N'ella predominam a curva, a sinuosidade, as suaves ondulações de terreno que um estado qualquer percorre para chegar a uma estação afastada em que o phenomeno, talvez identico no fundo, parece apresentar uma natureza contraria.—Eis o que se passa em todas as regiões das sciencias naturaes, o que se realisa a cada instante nos dominios da pathologia. O homem não passa da saude á doença rapidamente, sem transição; ha um estado intermediario, prodromico, de character ambiguo, como o da convalescença que prepara pouco e pouco a volta do estado normal. Sabe-se que difficuldade se não encontra em determinar muitas vezes a época precisa em que os actos hygidos expiram, mesmo quando o trabalho morbido, circumscripto a uma região limitada do organismo, recahe mais directamente sob o dominio dos sentidos. Pois bem, se o terreno das alterações somaticas nos offerece obstáculos que tantas vezes nos suspendem os passos, que admiração nos deverá causar o espectáculo de contrariedades semelhantes quando, nas plagas mais obscuras da psychiatria, vamos deparar com todos estes elementos instaveis, de natureza desconhecida, inacessiveis á observação directa, que entram na composição do espirito?—Certamente que a psychologia encontra por si só bastantes elementos para caracterisar os casos extremos, e é enão que vemos surgir em bando todos estes symptomas psychicos da perturbação mental;—mas que dizer da loucura parcial, mixto psychologico indecifavel de aberrações morbidas e manifestações de bom senso, especie ambigua que os authores classicos denominaram a cruz dos alienistas?

E' verdade que alguns protestam hoje calorosamente contra a adopção d'esta fórma especial das affecções mentaes, forma que para nós representa uma das mais bellas conquistas da sciencia actual, — mas todos estes protestos assentam, mais na base instavel das suas crenças theoreticas na unidade das faculdades psychicas, do que em factos bem definidos que lhes fossem dados por uma clinica para que appellam a todo o instante. É mesmo esta que vem desmentir e baldar os ataques dirigidos contra a doutrina classica pelos sectarios de Falret e Griesinger, o primeiro dos quaes assevera que não ha loucura sem delirio, em quanto que o segundo não vacilla em dizer (1) que a criação da mania sem delirio, feita pelo grande Pinel, foi uma verdadeira desgraça para a sciencia.

Admittimos de bom grado que se tenha abusado em alta escala da monomania, que o estado morbido mal definido que recebeu este nome, nada mais seja em muitos casos de que uma transição, do que a primeira phase d'um systema futuro de perturbações mais extensas, pecculiares a uma entidade morbida bem caracterisada:— mas apesar de tudo, não nos podemos eximir á obrigação de reservar um logar consideravel a todos estes casos que parecem fluctuar entre os limites da razão e da loucura, casos em que os symptomas podem permanecer no mesmo estado sem que a sua mudança ou aggravação ulteriores nos façam vêr que elles constituem uma epoca transitoria ou um periodo d'incubação da verdadeira doen-

(1) Griesinger, *Traité des maladies mentales*,

ça. De que soccorro nos pode ser então a psychologia que se recusa a fornecer-nos um caracter differencial, um symptoma predominante que possa preencher o papel de criterio?—Ha, sim, um unico signal psychico, invariavel da loucura,—que é a ausencia da liberdade moral,—mas de que nos pode elle servir na pratica? De que maneira determinar a ausencia do livre arbitrio, senão demonstrando previamente a existencia d'um estado que se procura diagnosticar? Não será isto laborar n'um circulo vicioso?—

E' pois necessario que nos sirvamos de novos processos, que estabeleçamos a questão em condições muito diversas. A psychologia deu tudo o que poderia dar. Os symptomas physicos não são tambem para desprezar n'este genero de problemas tão delicados em que nos corre a obrigação de reunir todos os factores, todos os elementos susceptiveis de nos prestar algum auxilio: e n'uma epoca em que a medicina se congratula pelo caracter positivo que de dia para dia se vae accentuando nos seus estudos, nenhuma desculpa mereceriam os alienistas se não tentassem deduzir do exame do corpo todos os esclarecimentos possiveis.

E' tambem o que modernamente se tem procurado fazer, mas forçoso é confessar que os resultados obtidos ainda estão longe de corresponder ás expectativas d'alguns authores que, á semelhança de Ferrus, diziam *que os symptomas physicos lhes pareciam o melhor caminho a seguir para chegarmos ao conhecimento da intima natureza da loucura*. Não, o alienista que se conserve dentro dos limites da clinica, não póde fallar assim, deve apenas dizer que esta analyse propriamente medica tem muito a

esperar para o futuro em face das elucidações preciosas que actualmente nos dispensa. Em verdade, nenhum d'estes symptomas pode ser considerado como característico, mas ainda sob este ponto de vista não nos encontramos em circumstancias diversas das que se nos impoem a proposito das outras doenças. N'ellas pouco temos a esperar d'estes symptomas pathognomonicos, tão numerosos n'outras eras, e que vemos diminuir á proporção que a medicina progride; é sobre o complexo das manifestações morbidas que nos baseamos para chegar a um diagnostico seguro. Pois bem, se este é o verdadeiro caminho, façamos o mesmo para a pathologia mental e reservemos um lugar importante ás alterações somaticas, não tanto com o fim de esclarecer a natureza d'uma affecção, desconhecida na sua essencia como quasi todas as outras, mas com o intuito d'imprimir á sciencia uma feição prática, indispensavel, para nos garantir successos reaes, e sancionar ao mesmo tempo no espirito do magistrado o lugar eminente que junto de si destina ao alienista.

O homem é quem está doente, não o corpo, o espirito, uma parte apenas do seu organismo. E' portanto para o complexo da sua organização phisica e moral que se deve dirigir a nossa observação. Esta ficaria muito incompleta se interrogassemos apenas a região do espirito mais claramente affectada, a idea fixa do seu delirio, a impulsão apaixonada que o domina, o acto criminoso que é o centro ostensivo do seu mal. Cumpre-nos investigar o estado actual das suas funcções, proseguir n'este exame cuidadoso atravez das gerações anteriores para se conhecer se é nos seus dominios que a doença hereditaria vae mergulhar as raizes, estabelecer um cote-

jo rigoroso entre as diversas phases da vida do alienado, para se poder concluir sobre o caracter do seu comportamento anterior, examinado á luz das ideas dominantes, dos prejuizos em voga no momento da erupção da doença, ou dos acontecimentos domesticos e sociaes que tiverem podido actuar sobre o seu espirito. Demonstrada a existencia da loucura, devemos-nos reportar mais uma vez a este genero de esclarecimentos, procurando-se vêr se é possivel determinar a marcha da evolução do mal, ou o periodo em que elle se encontra no momento da observação.

É em todos estes elementos que iremos buscar as bases clinicas do nosso diagnostico. As alterações que primeiro nos reclamavam a attenção, as unicas a ferirem a vista do vulgo, não devem ser menosprezadas, pois que a obrigação nos corre de comprehender no mesmo quadro o conjuntó dos symptomas que se observam ou observaram no doente, mas estas indicações terão depois de ser focundadas pelos esclarecimentos que nos forem dispensados por este processo d'investigação, demasiado lenta mas segura.

Eis mais um passo que se dá para a confirmação d'esta identidade que a psychiatria moderna procura estabelecer entre a alienação mental e o resto da pathologia.

Não é muito rigoroso affirmar-se com alguns authores que a alienação mental sobrevem na grande maioria dos casos, desacompanhada por alterações phisicas. É o contrario que deve ser considerado como regra geral. Os accessos de loucura são de ordinario precedidos por uma série de phenomenos morbidos, de sensações anormaes

que laboram e attribulam d'antemão o espirito do enfermo, antes que o primeiro ataque se manifeste, ou que pela sua reprodução intermittente, annunciam ao proprio alienado a erupção imminente da tormenta. São umas vézes dôres intestinaes que se propagam para as regiões superiores do organismo, uma anciedade profunda, alterações notaveis na intonação da voz ou na accentuação das palavras, dôres de cabeça persistentes, congestão do lobulo da orelha, falta de appetite, um movimento febril pronunciado, uma sensação de oppressão vaga, geral ou limitada a certos pontos do corpo. São outras vezes as suppressões do fluxo menstrual na mulher e das hemorrhoidas no homem, os accessos de todas as nevroses graves, mormente da epilepsia larvea ou bem definida que parecem manter com aloucura o parentesco mais intimo, todas as alterações morbidas, n'uma palavra, que raras vezes se esquecem de preceder e como que preparar o evento da perturbação mental.

Ha ainda mais. A affecção psychica, relacionada com uma lesão morbida periodica, pode-nos apresentar o mesmo character de periodicidade. Eis o que succedia com este louco de que Morel nos falla, homem inoffensivo quando em condições normaes, e que se tornava doudo furioso desde que era atacado pela sua dyspepsia.

É certo que alguns alienistas referem casos de loucura instantanea, que, segundo contam, conseguiram induzir em erro os práticos mais atilados. — Pr. Despine, Bucknill e Tuke mencionam-nos factos muito interessantes em que a doença manifesta de prompto a sua produção por uma impulsão violenta ou por um delirio agudo que não tinham sido precedidos por symptomas

prodromicos. É assim que os dous authores inglezes nos fallam de subitos accessos de mania aguda sob a influencia de predicas violentas ou apaixonadas, ou durante excitações temporarias de natureza diversa. «Nós conhecemos doentes, dizem elles, (1) que se tinham mettido na cama com todas as apparencias de saude e que despertaram maniacos.» O mesmo succede com o conselheiro Lemke, de que nos falla Casper, (2) que se levantou uma vez de noite, pretendendo lançar a esposa pela janella fóra; e ainda um facto da mesma ordem se deverá vêr n'este commerciante laborioso, de character alegre, que sente de subito um aborrecimento inexplicavel apoderar-se-lhe da alma e compellil-o para o suicidio, sem que nenhum motivo rasoavel houvesse para tal crime. (3)

Não podemos, nem devemos de certo pôr em duvida observações como estas, cuja veracidade nos é garantida pelo character dos authores que se acaba de citar e d'outros que se torna desnecessario chamar a campo. Comtudo se muitas d'ellas devem ser interpretadas por tal fórma, na maior parte dos casos d'esta especie uma analyse profunda e minuciosa nos faria descobrir a existencia do largo periodo d'incubação em que o subito accesso de loucura foi lentamente preparado por diversas affecções. Quantas vezes este periodo preparatorio não faz remontar a sua origem a uma ascendencia remota! Nada nos deve surprehender este facto depois que Morel

(1) Psychological medicine, pg. 337.

(2) Casper, *Traité de médecine légale*.

(3) Pr. Despinae, ep. cit.

nos veio demonstrar d'um modo tão engenhoso, no seu tratado das degenerações, que a hereditariedade progressiva constituia uma regra geral na pathologia nervosa.

Não são também muito frequentes os factos de loucura que parecem limitar ao espirito as suas manifestações morbidas e muitos d'elles, se permanecem duvidosos no momento da observação, distinguem-se quasi sempre n'uma época posterior pelo apparecimento de novos symptomas que vêem facilitar o diagnostico. Tal é o que succede com a megalomania que representa o prodromo ordinario da paralyisia geral, com a loucura impulsiva que é seguida ou mesmo acompanhada por uma serie de signaes denunciadores d'uma prostração melancolica progressiva.

Nos casos habituaes, bem definidos, — que longa serie de symptomas psychicos não vêem comprovar a profunda alteração que a doença imprime á parte material do ser humano? Demasiado longa e fóra do nosso proposito seria a sua enumeração; basta-nos citar um certo numero d'aquelles que mais dignos se tornam de nos solicitar as attenções. Referimos-nos ás perturbações que a loucura póde produzir na sensibilidade physica. Esta raras vezes permanece inalteravel:—tem sido possivel praticar-se em alienados operações cirurgicas de vulto sem que elles manifestassem o minimo soffrimento. Livi falla-nos d'um dos seus doentes que se mutilou por varias vezes, amputando n'uma occasião um testiculo e arrancando n'outra o bico das mammas, sem denotar qualquer sensação dolorosa, antes parecendo sentir certo prazer n'estas mutilações voluntarias.

Esta insensibilidade observa-se também com relação

aos medicamentos. Tem-se podido administrar aos alienados principios toxicos, sem effeito sensivel nas doses mais elevadas, e para se conseguir algum resultado foi necessario propinal-os em proporções bastantes para envenenar mais d'um homem em condições normaes. Assim a tintura de belladona poude ser levada sem resultado até á dose de 2 grammas. Mas esta não é a unica particularidade relativa a tal assumpto, e uma das mais interessantes, sem duvida, consiste na propria modificação que a doença póde imprimir á acção physiologica e therapeutica dos medicamentos. Assim podemos apontar entre outros o estramonio que por vezes restabeleceu a tranquillidade d'um maniaco furioso, ou o meimandro que em vez de suspender favoreceu notavelmente a diarrhea.

A anesthesia cutanea é tambem um phenomeno commum, phenomeno que até certo ponto nos explica esta insensibilidade extrema, que, na idade média, os demonomanos costumavam oppôr a todos os tormentos que lhes infligiam.—

Muito mais longe poderíamos ir se estivesse no espirito do nosso trabalho destinar um capitulo especial á exposição circumstanciada dos symptomas da loucura. Ficaremos por aqui, pois que a nossa intenção era tão sómente fazer vêr como a psychiatria moderna demonstra d'um modo tão decisivo o character essencialmente pathologico da alienação mental. Já em logar opportuno aventavamos esta mesma opinião quando se tratava das paixões, e agora parece-nos offerecer-se um ensejo favoravel para reproduzir e confirmar estas ideas á custa das considerações que ficam feitas. A loucura é uma doença que se nos revela por um certo numero de sympto-

mas, entre os quaes nos cumpre referir em primeiro lugar as variadas alterações das faculdades psychicas. Eis o unico, o verdadeiro criterio, necessario na theoria, indispensavel na pratica; só a clinica é o instrumento scientificamente authorisado para nol-o fornecer.

É certo que ella ainda não conseguiu resolvêr os inumeros problemas que a todo o momento reclamam a sua attenção, mas os resultados preciosos que do seu emprego se colheram, confirmando de sobejo a sua vaia, presagiam os progressos futuros que a sua applicação nos permittirá realisar.

Uma das suas mais bellas conquistas, por exemplo, é a determinação da loucura circular, entrevista e designada pelos authores classicos, mas que só nos tempos modernos foi tratada com a merecida consideração por Falret, Baillarger, Griesinger, a cujos trabalhos deve o lugar á parte que actualmente occupa no quadro nosologico da pathologia mental. Algumas das suas conclusões são precoces, muitos symptomas que refere, como succede com a diminuição de peso total que C. Lombroso (1) considera como caracter constante nos alienados, faltos do cunho de certeza que a exacta concordancia de observações multiplas lhes confere, não podem por isso merecer da nossa parte uma inteira confiança;—essas indicações, cumpre á medicina submettel-as a uma critica bem organisada, profunda, cordeal, que nos dê conhecimento da sua verdadeira importancia. Outras, repellidas

(1) *Annales médico-psychologiques*, T. 9.º

quasi á medida do seu apparecimento, por pouco tempo conseguiram angariar as attentões dos especialistas.

É só por este meio, por um systema d'observação cuidadosa, associada a uma discriminação intelligente que a psychiatria logrará caminhar a passos rapidos n'uma senda mais larga e mais segura.

SEGUNDA PARTE

I

A philosophia archiva nos annaes da sua historia como um dos factos mais gloriosos a rehabilitação do processo analytic. É com effeito, pela analyse da duvida que surge no seu espirito em face dos phantasmas ontologicos da sciencia d'então, que Descartes, hasteando nas ruinas d'um metaphysismo illusorio e vão o immortal axioma que o faz remontar até ao solio da entidade suprema, consegue fazer brotar dentre as trevas misticas da escolastica a luz resplandecente da philosophia moderna. É, divorciando as moléculas dos corpos, surprehendidas em meio dos seus amôres mysteriosos, que Lavoisier, Haüy, Cavendish, e tantos outros, á custa dos materiaes amontoados em desordem nos cadinhos dos alchimistas, constroem a chimica, dão origem ás artes, á industria, ás manufacturas, descobrindo assim, mais felizes que os seus predecessôres, a pedra philosophal das sciencias

d'hoje. É ainda a observação, a analyse experimental que torna Hyppocrates o corypheu d'uma sciencia que, resistindo aos attritos de vinte seculos, vêmos chegar quasi incolume até nós; é ella que faz de Harvey o pae da phisiologia, de Morgagni o fundadôr da *anatomia pathologica*,—é ella ainda que firma a gloria do seculo 18, que representa a verdadeira base dos estudos medicos da actualidade.

A analyse,—eis o ponto de partida de todas as sciencias, o primeiro passo de toda a operação intellectual, o élo primordial da cadêa de todo o raciocinio, o processo ordinario de todo o methodo scientifico. É o seu aperfeiçoamento successivo que faz progredir os nossos conhecimentos,—é o seu desprezo, a sua applicação inoportuna ou incompleta, a sua substituição por uma synthese precoce, que originam todos estes systemas hypotheticos que ahi vêmos viver uma vida ficticia de dois dias, ou que, abroquelados com um nome brilhante, oppõem uma resistencia prolongada aos progressos da verdadeira sciencia. Assim é que os antigos, recusando-se a lançar mão da experiencia cujos processos morosos mas decisivos repugnavam ao seu espirito ardente, acontentando-se com observar a natureza atravez do prisma d'hypotheses preconcebidas, pretendiam desde logo comprehender em formulas geraes as relações em vigôr entre objectos ainda desconhecidos para elles, ou apenas apercebidos confusamente, criando assim todas essas theorias que jazem para sempre d'envolta com as ruinas das illusões d'outr'ora, ou que despertam só pôr momentos, quando galvanisadas pelos impulsos synthetisadores d'algum visionario moderno. É assim que o proprio Descartes, inconsequente com o seu plano

primitivo, depois de ter lançado com firmeza sobre a analyse os alicerces da philosophia, trocando a observação pela hypothese, deixa cahir n'um terreno erradamente laborado por uma geração inteira, os germens fataes que, desenvolvendo-se e fructificando, originam o pantheismo de Spinosa, o sensualismo de Locke e Condillac, o scepticismo de Hume, o materialismo de Holbach e La Mettrie, todos estes systemas refalsados e mesquinhos, que nos dominios da theoria, desacreditam e ridicularizam os conhecimentos havidos até ahi na conta dos mais ferteis e positivos e que, no campo da prática, fazem tremular por sobre os destroços da psychologia e da moral cartesianas o pendão da immoralidade e do menosprezo pelos sentimentos mais nobres da nossa alma. É, continuando a empunhar a analyse que o celebre Kant, o segundo Descartes, o legisladôr da philosophia allemã, procura restabelecer a ordem na phalange dos philosophos, tolher o passo á propagação d'estes systemas.

A analyse é pois o instrumento mais sólido que o sábio tem brandido em todos os tempos, instrumento de duplo gume que, ao mesmo tempo que por um lado rasga fundamente e faz baquear por terra as theorias estranhas á sua intervenção, abre pelo outro á verdadeira sciencia os caminhos largos e faceis que de futuro é destinada a percorrer.—Comtudo, apezar do clarão intensissimo que tem derramado e derrama ainda a todo o instante, a analyse não é a unica estrella que scintilla no horizonte da sciencia. A sua luz apenas esclarece uma parte do complexo problema do universo, e esta solução parcial não satisfaz nem pode satisfazer as mais legitimas aspirações do nosso espirito. O seu fim consiste só-

mente em fazer desfilarem ante a intelligencia as diversas partes d'um todo como as propriedades concernentes a cada uma d'ellas, em quanto que permanece muda e silenciosa quando se trata das relações existentes entre os elementos d'um composto, das suas leis, da sua acção reciproca, do laço que os reúne, de todos os conhecimentos, n'uma palavra, que são da competencia d'um processo differente, — a synthese. Ora, são estes os conhecimentos que procuramos e devemos possuir e elles só nos podem ser fornecidos por uma synthese rigorosamente circumscripta aos limites que lhe sejam traçados por uma analyse profunda.

Sem analyse, não ha synthese, mas sem esta, não ha nem pode haver tambem sciencia digna de tal nome. A analyse e a synthese são portanto dois processos igualmente necessarios que devem sempre actuar de concerto, caminhar de mãos dadas, — processos que se completam reciprocamente e cujo emprego exclusivo originaria vãs theorias sem utilidade prática, ou redundaria n'uma aglomeração esteril de factos, desligados e dispersos, incapazes de formarem por si sós sem o cimento synthetico, um todo harmonico e scientifico. Infelizmente a philosophia nem sempre se compenetrò da verdade d'estas asserções. A historia da sciencia é como a do homem. Este raras vezes segue o termo médio, prefere quasi sempre os extremos. Depois de ter verificado os erros inevitaveis que uma conducta extrema traz consigo na prática, volta-se de subito para o lado contrario, e é muitas vezes, só depois d'uma longa escola de cruéis desenganos, que então reconhece o comportamento médio como o verdadeiro caminho que devia ter sempre trilhado. Eis

o que se tem observado em quasi todas as sciencias, na medicina sobre tudo, cujo objecto complexo prende com tantos factores elementares, instaveis e mysteriosos, ainda inacessiveis á nossa razão.

Umavez é a synthese que impera, outras é a analyse que, usurpando-lhe o sceptro, se vem sentar em triumpho no throno do methodo. Ora, se não é pouco extensa a vereda de preconceitos que uma synthese exclusiva fez trilhar á sciencia, não é menos largo o rastro dos erros que uma analyse descomedida tem deixado após de si.

O homem decompondo, dividindo, analisando, depara afinal com os elementos, as idéas simples, as causas primarias, com estes atomos philosophicos além dos quaes a divisão não pode progredir, com estes limites forçados do intellecto, que o processo analitico não pode nem deve ultrapassar. Mas n'esse instante, longe de se conformar com as proprias leis da razão, revolta-se elle contra a sua impotencia, e na impossibilidade de resolver os problemas que se lhe defrontam, afadiga-se em apinhoar theorias que só parecem ter por fim occultar sob um manto de purpura a insignificancia, a inanidade real dos seus conhecimentos. É então que o vemos em todas as épocas percorrer fatalmente o mesmo circulo d'hypotheses, circulo em que elle caminha sem nunca se aproximar da solução, pois que em todos os pontos do seu trajecto circular permanece á mesma distancia do centro das suas aspirações d'esse ponto inacessivel á sua intelligencia.

Só conhecemos o que se pode analisar; a synthese nada nos diz de novo no fundo, nenhum conhecimento essencialmente diverso nos denuncia, já que os elementos

sobre que baseia o seu edificio, não deixam de ser aquelles mesmos que o processo analytico explorara. Tudo portanto o que resista á analyse, fica por isso mesmo desconhecido para nós. Pode-se é verdade interpôr uma série indefinida de termos entre os elementos, as acções simples e as mediatas, pode-se por este meio adiar a solução do problema, fazer recuar a dificuldade, mas essa difficuldade subsistirá e as soluções illusorias obtidas virão sempre em função da mesma incognita. Eis a barreira insuperavel que se eleva perante o homem, quando procura devassar a essencia, o fundo de todas estas questões insoluveis de causalidade e substancialidade que fazem o desespero da philosophia.

Um d'esses problemas é o que se refere á união instavel do corpo com a alma, é aquelle em que se pretende explicar o mecanismo da reacção reciproca empenhada entre duas substancias, de natureza tão diversa, e comtudo tão intimamente vinculadas.

Sabe-se como se tem procurado superar a difficuldade; todos conhecem as theorias principaes emittidas para este fim. Uns, complicando cada vez mais o problema, interpunham entre a alma e o corpo uma substancia desconhecida que, sem ser material nem espiritual, mas um mixto indecifavel, preencheria o papel d'um mediador incapaz d'elucidar uma união de que elle proprio era a reproducção hypothetica. Outros, cavando com Descartes e Leibnitz um abysmo profundo entre o espirito inextenso que pensa e o corpo extenso que não pensa, ou condemnavam a influencia divina a intervir constantemente nos phenomenos do organismo, tornando-a responsavel por todas as nossas acções; ou, attentando contra a liberda-

de humana, desattendendo o testemunho directo da consciencia, menosprezando a acção caracteristica da vontade, appellavam para uma harmonia preestabelecida por Deus entre os dois principios.

Eis as doutrinas mais importantes que vogaram outr'ora na sciencia, protegidas pela reputação brilhante de authoridades, taes como as que mencionamos. Hoje ainda, apesar das tendencias pouco especulativas da nossa época, alguns authores bandeando-se em dois partidos, intentam arcar com esse obstaculo invencivel para os seus predecessores. A difficuldade principal residia para elles na differença manifesta das duas substancias:—demonstrado estivesse que ella não existia, e o problema suppunha-se resolvido. Então, encaminhando os seus esforços n'esta direcção, uns espiritualisaram a materia, outros materialisaram o espirito. Os primeiros, deslocando simplesmente a difficuldade, asseveravam que o corpo não era só materia, mas sim materia organizada e viva que revelava nos seus movimentos complexos, nos seus phenomenos especificos, a immanencia de fórmulas intelligiveis, de principios immateriaes. Os segundos, suppondo erroneamente que a physiologia contradiz a psychologia, invocando a cada instante a influencia profunda exercida pelo physico sobre o moral, mas passando em silencio todos os factos que sancionam uma acção inversa, affiançam-nos que o eu, cuja indivisibilidade nos é testemunhada pela consciencia, só representa uma palavra sem significação real, salva do naufragio das velhas ontologias escolasticas;—sustentam com Briggs (1) que o pen-

(1) Paul Janet, *Le cerveau et la pensée.*

samento nada mais é que o resultado da vibração das fibras cerebraes, e que todas as faculdades da nossa alma são funções directas d'um ou d'outro compartimento do aparelho encephalico. O espirito é a função do cerebro, como a secreção é a das glandulas, ou o movimento a dos musculos.

Pois bem, quando tudo isto assim fosse, quando a sciencia tivesse corroborado estas hypotheses, quando houvesse attingido um fim de que ao menos se encontra muito affastado,—o problema ficaria resolvido?—De modo nenhum. A identidade estabelecida entre o espirito e a materia, não nos viria elucidar sobre a natureza das suas relações. Acaso conhecemos nós melhor e mais a fundo a materia?—Acaso comprehendemos com mais lucidez o mecanismo da transmissão das reacções, das impulsões, dos movimentos, que resaltam de molecula em molecula como os duendes das theorias da idade media? Explicamos de maneira mais satisfactoria como os atomos poem em jogo as forças que lhes são inherentes, de que modo estes seres caprichosos, como que agitados por affecções instinctivas, dissolvem uniões antigas para contrahirem novos consorcios?—

Eis outras tantas questões a que as sciencias naturaes não respondem, nem podem responder. É verdade que estas sciencias, tentando reduzir todos os phenomenos physicos a simples movimentos atomicos d'um meio conjectural, mais alguma luz vieram lançar sobre este assumpto. Mas transviados e muito andam da verdadeira interpretação aquelles que julgam ter encontrado os elementos d'uma solução definitiva nos recursos e applicações ferteis devéras d'esta hypothese grandiosa. Ainda

quando a theoria da correlação das forças representasse a expressão genuina d'uma verdade applicavel ao universo, a difficuldade permaneceria a mesma, por que então o mysterio, em vez de se desdobrar á nossa vista no quadro synthetico dos phenomenos naturaes, reconcentrar-se-hia pela analyse nos atomos ethereos.

A materia não é pois mais comprehensivel que o espirito, quando considerada na sua essencia.

Não devemos, portanto, continuar a seguir o errado caminho, trilhado por aquelles que julgaram encontrar nas suas hypotheses um meio capaz de lhes fazer transpôr o obstaculo, pois que semelhante procedimento nada mais é que uma revolta infructuosa contra as proprias leis da nossa razão. Mas se devemos renunciar á esperanza de jámais descobrir o processo intimo da transformação dos factos physiologicos em phenomenos psychicos, não ficamos por isso condemnados a permanecer immo-veis, impotentes, em face de taes conversões incompre- hensiveis.

Resta-nos uma nova série de trabalhos em que nos cumpre entrar, porque os seus resultados, ainda que d'al- cance mais limitado, são comtudo mais uteis para a sciencia. Resta-nos investigar quaes as modificações da alma que vêmos corresponder a certos e determinados pheno- menos do corpo e, vice-versa, quaes as alterações mate- rias que se operam consecutivamente a um ou outro es- tado psychologico.

Depois, verificando-se que dous phenomenos se cor- respondem constantemente na dupla vida do sêr humano, consideraremos o facto que se manifeste em primeiro lo-

gar como a occasião do apparecimento do segundo. (1) Procedendo assim, impondo á relação verificada esta palavra occasião que não envolve a minima previsão theorica, o minimo preconceito hypothetico, declaramos francamente a nossa ignorancia, e sem as pretendermos explicar, attestamos a harmonia e correspondencia admiraveis que reinam entre o espirito e o corpo.

Dizia Victor Cousin que o universo inteiro só o attingia atravez do organismo; nós, á sua semelhança, podemos dizer como physiologistas que o universo inteiro só nos attinge atravez do systema nervoso, pois que este preside ao duplo conflictio que se trava entre os agentes physicos e o lado externo da economia, tanto como entre o seu lado interno e o espirito,—duplo conflictio que o philosopho francez resumia d'um modo tão expressivo na phrase supra-citada. É, com effeito, este o systema que ao mesmo tempo que mantem um estado de solidariedade reciproca entre todos os orgãos pela sua irradiação as partes mais excentricas do corpo, assegura uma correspondencia inexplicavel mas real á dupla série das manifestações da nossa actividade, estabelece uma verdadeira linha de união entre o eu e o mundo externo, o complexo das excitações physicas e o concurso das modificações psychicas. É elle que vela pela integridade do nosso sêr por meio da dôr physica, tanto como por estas dôres surdas das visceras que teem o nome de necessidades organicas.

(1) Hermann Lotze, Principes généraux de psychologie physiologique.

Os elementos altamente moveis que este systema conserva em equilibrio, pelo proprio facto da sua mutabilidade extrema, facilmente se modificam sob a influencia da causa mais insignificante. Basta que um d'esses elementos se desloque para que todos os outros oscillem, como basta que uma unica molécula de agua se mova para que o equilibrio geral se transtorne. É então que o organismo passa por uma série de oscillações que se podem propagar á economia inteira, mas oscillações que, em vez de enfraquecerem na sua intensidade, como as fluctuações do liquido, á proporção que se distanciam da séde originaria do disequilibrio, podem avolumar e engrandecer-se á medida que deparam na sua propagação com elementos mais importantes, com órgãos mais delicados e excitaveis. É a gotta feita corrente, o pedrisco tornado avalanche.

É por isso que os diversos estados da alma se repercutem na parte material da entidade humana, como as excitações organicas modificam tambem a actividade psychica, reconcentrando-se ou tendendo a concentrar-se no centro cerebral. Por um lado as impressões externas ou sensoriaes, tanto como as internas ou provenientes das visceras, remontam ao longo do eixo cerebro-spinal até aos thalamos opticos, ⁽¹⁾ onde se reúnem para irradiarem de novo até ás camadas cinzentas periphericas do cerebro, onde essas impressões são elaboradas, onde se passam a final os movimentos que represen-

(1) Luis, Recherches sur le système nerveux cérébro-spinal, etc. Paris, 1865.

tam a occasião das manifestações do intellecto. Por outro lado as operações que se realizam nas regiões superiores dos centros nervosos, seguindo o mesmo trajecto encephalico, propagam-se tambem á corda espinal e ao grande sympathico, podendo assim promover a distancia modificações consideraveis, funcionaes e mesmo organicas, nas partes que recebem o influxo nervoso de qualquer d'estes dous grandes centros, Eis o que succede no campo physiologico.

Pullulam na sciencia innumerous factos que poem acima de toda a contestação a influencia extrema exercida sobre a alma pelas modificações hygidas ou morbidas dos orgãos. As visceras são o ponto de partida real de acções mysteriosas, que, transportadas até ao sensorium pelo intermediario provavel dos pneumo-gastricos, vão despertar a actividade do eu, provocar d'um modo indirecto a erupção de commoções diversas, de sentimentos exagerados, ou mesmo de verdadeiras paixões. Eis um facto expresso ha muito nos dizeres da linguagem vulgar tanto como nas elevações da phraseologia poetica, facto corroborado pelos progressos da sciencia que veiu demonstrar por mais de uma vez o fundo de verdade contida n'estas opiniões dos antigos em que se fazia residir as paixões n'um ou n'outro dos orgãos internos. Não é que devamos hoje acceitar completamente semelhantes idéas, não é que possamos exclamar com Homero, pela bôca d'um dos seus personagens, — o meu diaphragma vos ama, — já que as visceras n'este confictio preenchem um papel meramente passivo, emquanto que o activo pertence d'um modo essencial ao aparelho cerebral que recebe as impressões provenientes d'estes orgãos, que as apre-

cia e reflecte, depois de elaboradas, para o proprio organismo d'onde tinham partido, soffrendo o encephalo por contra-pancada uma commoção simultanea com o choque experimentado pelas regiões do organismo sobre que baixa a tempestade. O que a observação clinica, a pathologia cerebral e sobretudo a organographia plessimetrica nos demonstram, é que as doenças dos órgãos internos ou a simples alteração das suas relações, isto é, a sua descoordenação, (1) parecem capazes de originar a apparição de sentimentos apaixonados, taes como a cólera, o enthusiasmo.

Na série já bastante longa de factos que se possui a respeito d'este assumpto interessante, lê-se, por exemplo, que individuos, dotados d'um caracter agradável e tranquillo, mudavam repentinamente de genio, tornando-se irritaveis, sombrios e encolerizando-se a proposito da circumstancia mais insignificante. Então a mensuração plessimetrica fez vêr como facto quasi constante o augmento do volume do figado, como denunciou em muitos casos a presença de alterações analogas do baço, do coração, a atonia dos intestinos, etc., quando o caracter individual se tornara triste, meditabundo, sem que o paciente conhecesse motivo plausivel do desanimo profundo em que jazia, ou quando commoções ficticias, trazendo-lhe o espirito inquieto, lhes suggeriam movimentos e actos despropositados, proprios só de quem presencia espectaculos aterradores, ou se deixa influenciar em extremo pelo enthusiasmo, por um amôr desordenado, etc.

(1) A. Cros, Les fonctions supérieures du système nerveux.

D'estes e outros factos pode-se portanto concluir que parece reinar um proximo parentesco entre as condições estaticas ou dynamicas de certas visceras e a génese d'alguns estados da alma. É assim que a hypertrophia do figado se mantem em relação com a cólera, as doenças do baço com a tristeza, as das partes inferiores do hypogastro com o mêdo, e finalmente a hypertrophia do coração, viscera em que se vêem reflectir a final toda e qualquer emoção, coincide muitas vezes com uma surexcitação notavel da sensibilidade moral, a paixão amorosa com especialidade. Estas relações não são entretanto de tal constancia, estas indicações não patenteiam um laço tão manifesto de casualidade, que nós possamos basear sobre as figuras obtidas pela exploração plessimetrica uma previsão definitiva da especie de alterações que os estados das visceras haveriam de originar.—

Passando em revista os factos referidos pelos authores que maior confiança declaram depositar n'um diagnostico tão pouco seguro, vemos, com effeito, alterações analogas do mesmo orgão produzirem commoções diversas ou não darem origem á menor modificação no character do paciente. Assim se as doenças do baço parecem manter em alguns casos a relação mencionada, coincidem tambem com tendencias pronunciadas para a cólera, para outros sentimentos apaixonados, ou então a melancolia que se apodera do individuo facilmente se explica pela presumpção que o doente faça da gravidade d'uma doença de que lhe provém a modificação visceral que elle proprio em certos casos pode verificar. Eis o que se nota egualmente para com as outras relações, de modo que, se não podemos pol-as em duvida como Georget e Voisin fizeram por tan-

to tempo, não nos devemos também apressar em erigir sobre ellas theorias que não teem base segura, mas, encerrados n'uma reserva prudente, cumpre esperar, confiando em que a sciencia futura se pronuncie de modo mais decisivo sobre o seu legitimo valôr.

O estado actual dos nossos conhecimentos não nos authorisa a dizer com Maudsley, «que si l'on pouvait changer le cœur d'un homme et lui mettre dans la poitrine le cœur d'un autre individu, la circulation ne s'en ressentirait probablement pas, mais il n'en serait pas de même du caractère.» (1) Ora se nos não devemos reputar habilitados para aventurar semelhantes asserções, muito menos o estamos para inferir d'estes dados insufficientes conclusões taes como as que os materialistas d'olles deduzem.

Considerando as sensações como o unico ponto de partida das nossas ideas, exagerando a dependencia em que o espirito se encontra da parte material da nossa existencia, encarecendo sobremaneira a correlação que subsiste entre os estados da alma e as condições histologicas ou funcionaes das visceras,—os materialistas modernos, remontando de indução em indução, ultrapassando os limites da observação pura para se lançarem nos braços da hypothese, elles tão ardentes em clamar contra as creações ontologicas da metaphysica, finalisam por banir da vida humana a liberdade, considerando o eu como um ser passivo, incapaz de juntar alguma cousa da sua lavra ás sensações provenientes das impressões

(1) Maudsley, op. cit., pg.

organicas. Para elles o nosso espirito nada mais é que um automato, um simples espelho que reflecte sob a imagem de idéas, sentimentos, determinações voluntarias os movimentos materiaes despertados na economia pelo embate das excitações physicas. Se estes movimentos se cumprem e succedem n'um rhythmmo regular, o espirito não soffre; mas se elles se tornam desordenados e confusos, as trepidações morbidas dos orgãos, os abalos convulsivos dos tecidos, retratam-se então na alma debaixo do aspecto de esse tumultuoso tripudiar de imagens, d'essa valsa grotesca de sentimentos, d'esse entrechocar obscuro de ideas que teem o nome de delirio, de allucinação ou loucura.

As sensações não dão origem ás determinações voluntarias pela provocação directa da actividade independente do eu, mas estes estados diversos da alma são apenas reproducções passivas de novas alterações materiaes que a força psychica, modificada pela sensação, produz em partes determinadas do organismo. Assim a tristeza que nos enluta o espirito em face de um espectáculo afflictivo não é a consequencia da sua reacção immediata, — o mecanismo genesisico d'esta commoção é mais complicado. A sensação visual actua por meio do systema nervoso sobre o figado, faz nascer n'esta viscera uma alteração especial e é só depois da acção operada sobre o espirito por tal modificação morbida, que a tristeza sobrevem. Eis as ideas de Jacobi, Nasse, Flemming.

Continuar na sua exposição, demonstrar a sua falta de fundamento, seria trabalho inutil, porque em face de taes asserções todo o homem, livre de compromissos systematicos, sente revoltar-se no intimo do seu espirito uma

voz imperiosa, a voz da consciencia, do senso moral, que todas essas theorias engenhosas não conseguem fazer calar. Que a actividade do corpo anteceda a do espirito, eis o que não nos repugna admitir; mas uma vez as faculdades psychicas estimuladas pelas impressões organicas, a sua actividade passa além da orbita circumscripita por estas impressões, reage energicamente sobre ellas, dando origem a phenomenos que não teem nem podem ter cabal explicação nas condições da vida physiologica. A alma não é a escrava do corpo, (1) é uma individualidade independente, uma força sui generis que modifica fundamentalmente o jogo das rodagens organicas. Quem poderá pôr em duvida estas asserções, quando a todo o momento, em toda a parte, nos factos mais comeseinhos da vida, nas communicações mais graves da sciencia, nas passagens mais commoventes da historia, nós vamos encontrar a demonstração irrecusavel d'uma influencia, feliz ou prejudicial, exercida pelas mutações do espirito sobre o sêr physiologico?—Quem desconhece as profundas alterações que os sentimentos apaixonados, essas tormentas moraes, deixam após de si na sua passagem atravez do organismo?—

Basta lançar os olhos para os escriptos de tantos authores, Feuchtersleben, Foissac, Dagonet, Tissot, Durand de Gros, para recolhermos uma ceifa amplissima d'observações, de factos authenticos, onde os efeitos organicos das commoções repentinas ou prolongadas se deixam ver em toda a lucidez da sua potencia. A colera, ro-

(1) Cabanis, le physique et le moral.

deada pelo cortejo inteiro das perturbações circulatorias, e terminada muitas vezes pela propria morte; a inveja, essa momificação egoista das almas pequenas, seguida pelo definhamento do corpo; a tristeza, essa paixão tão impiamente romantizada pelos Byrons e Gôthes, acompanhada pela dissociação de todos os élos physicos e moraes; o terror com a sua influencia funesta sobre as epidemias,—eis outras tantas provas eloquentes d'uma acção irrecusavel. E todas essas narrações de naufragios desastrosos, em que tantos homens, enfraquecidos por uma inanição prolongada, resistem contra a furia dos elementos desencadeados contra elles; todos esses moribundos, emaciados, com as forças organicas decompostas por uma doença de longa duração, que encaram com placidez o seu momento supremo; todos elles não poderão servir de prova do poderio d'um espirito que impera ainda sobre os destroços do corpo? «É o cerebro que então paira sobre as ruinas do organismo? «Mas o cerebro, submettido como todos os órgãos ás leis de nutrição, acha-se debilitado como elles. O ser que triumphá assim da morte, é um ente superior á vida organica, é a alma viril; como seria Deus «sobre os mundos em ruinas» (1)

(1) Michéa, *Annales médico-psychologiques*, T. IV.

II

A alma tem o cerebro por órgão das suas manifestações. Eis uma opinião inculpida no animo de todos, d'aquelle que lida com os arduos problemas das sciencias medicas, tanto como no proprio espirito do philosopho, — opinião quasi contemporanea dos arreboes da sciencia e que a physiologia, a pathologia, a mesma anatomia vieram confirmar d'um modo irrecusavel. Ninguem, nem mesmo os ultra-espiritualistas poderão pôr hoje em duvida este principio. O espirito necessita d'um complexo organico, d'um grupo de tecidos especiaes que lhe sirvam d'instrumento, de medio indispensavel para as suas operações. Tal é a condição essencial da sua existencia durante a vida. Além do tumulto a sciencia pára, e é só a fé que d'ahi em deante nos poderá conduzir na peregrinação das almas atravez da eternidade. Nas condições actuaes da sua actividade, ambas as partes do ser humano se conservam n'um estado de harmonia, profunda, intima, indissolovel. O corpo e a alma não são as trevas e a luz, o carvão e o diamante, o lodaçal e a flôr, não são duas forças oppostas encarceradas no mesmo circulo da rotação d'um movel, dois sêres hostis aprisionados pela mesma cadêa, — são duas faces da mesma existencia, dois elementos essenciaes da mesma actividade, duas propriedades necessarias d'esta substancia organisada, viva, pensante, que se denomina homem. Eis o que no capitulo anterior procuramos fazer vêr e o que poderíamos reforçar com novos argumentos.

Esta concordancia não fraqueia na loucura, antes a vemos resaltar mais luminosa n'estes dominios obscuros transformados em campo de combate por quasi todas as doutrinas philosophicas.

Duas theorias principaes, emittidas sobre a relação do physico e do moral na loucura, encontram-se em face uma da outra, oppondo-se reciprocos argumentos que não deverão ser olvidados, poisque elles ainda hoje são brandidos com paixão tanto no campo da philosophia pura, como no proprio terreno da medicina. Uma, invocando a autonomia da alma como principio fundamental, indigita-a como theatro e ao mesmo tempo actor da scena morbida, vendo n'ella a séde e causa da alienação; a outra, um pouco exagerada talvez em certas conclusões precoces, lança mão dos elementos copiosos que a psychiatria lhe dispensa, proclamando que a loucura reconhece qualquer lesão do cerebro como causa constante da sua producção. Vejamos as razões que uns e outros fazem valer, principiando, para maior commodidade na exposição, pelos argumentos com que os adeptos do ultra-espiritualismo pretendem reforçar as suas ideas.

Não ha relação essencial, dizem elles, entre a loucura e as lesões anatomo-pathologicas do cerebro. Estas não são constantes, faltam muitas vezes, facto que os medicos mais organicistas não poderam deixar de admittir em presença dos resultados negativos das suas autopsias. Os authores classicos de maior nomeada, Georget, Esquirol, Pinel, concordaram plenamente sobre este ponto, imaginando que todas as especies de alienação, desacompanhadas por complicações do movimento ou da sensibilidade, não manifestam egualmente alterações sensiveis

no tecido nervoso cerebral, tanto como nas membranas d'involucro. É possível que taes alterações existam, ainda mesmo nos casos em que o microscopio as não poudo surprehender, mas se pelo facto de as não verificarmos directamente as não podemos negar, muito menos tambem as devemos affirmar. Eis a maneira como M. Leuret respondia a M. Ferrus que lhe objectava com a insufficiencia dos nossos meios d'investigação. «Quando o cerebro d'um alienado me parece estar são, não affirmo com M. Ferrus que este cerebro esteja doente; fico na duvida até que a verdade me seja demonstrada. E se os casos em que o encephalo me parece em condições normaes são precisamente aquelles em que houve um delirio sem complicação de symptomas physicos, um delirio da intelligencia e das paixões, se aquelles em que o cerebro se encontra alterado são os mesmos em que houve paralyisia, agitação, torpôr, insomnia, attribuo estes accidentes á lesão do cerebro, e a causa da aberração mental fica-me ainda inexplicada.» (1) São quando muito casos duvidosos, muito mais para os espiritalistas sinceros que não comprehendem como as adherencias da pia-mater ou a hydrophisia da arachnoidea possam trazer consigo uma turvação persistente das faculdades mentaes. «Que relação ha por exemplo entre a adhesão das meningeas e a aberração do intellecto? O primeiro d'estes phenomenos conduzir-nos-ha a fazer uma idéa mais exacta do segundo? Vejo n'isto apenas uma ligação empirica entre duas ordens de

(1) Leuret, Inductions sur les altérations de l'encephale dans la folie.

factos heterogêneos, e não cousa alguma que se pareça com uma explicação.» (1)

Além d'isto as proprias lesões cerebraes que se verificaram com mais constancia nos alienados, teem sido observadas tambem nos cadaveres de individuos que se conservam no gôso da razão até ao momento da morte. Tal foi o que succedeu com as ossificações da dura-mater, as adherencias meningo-cerebraes e todos estes desarranjos da circulação intra-cephalica para quem actualmente os medicos tendem a reclamar uma attenção cada vez maior, fazendo-lhes preencher um papel tão importante na génese das vesanias.

Se estas lesões representam uma condição necessaria da existencia do estado morbido, haveriam ellas de se observar em todos os factos de loucura e só n'elles. Deveriam ser incompativeis com o regular exercicio das faculdades mentaes. É o contrario que se observa. Não vemos nós a mesma condição physica, os abscessos do cerebro, por exemplo, parecerem determinar o desarranjo mental, coincidindo com o apparecimento da mania ou demencia progressivas, emquanto que outras vezes se conciliam com a mais perfeita sanidade de espirito? — Não acontece o mesmo com todos os tumores de natureza diversa, cancerosos, syphiliticos, tuberculosos que podem fixar a sua residencia no intimo da substancia nervosa? — E ainda que os factos se não passassem d'este modo, porque motivo se não observam nas mesmas especies de loucura lesões análogas

(1) Paul Janet, *L.c. cerveau et la pensée.*

aquellas pelo menos que mais irreconciliaveis se parecem mostrar com o estado normal do espirito?—

Se a anatomia pathologica é a unica sciência capaz de nos elucidar sobre esta momentosa questão, deveria fazer-nos vêr a mesma vesania caracterisada pelas mesmas alterações somaticas — uma serie de elementos d'esta ordem parallela a grupos correlativos de perturbações psychicas. É o contrario que resalta a cada passo dos estudos necropsicos. As lesões mais variadas podem rou-nir-se no cerebro do alienado; a mesma lesão, tal como este amollecimento parcial que Parchappe reputava de tão grande valor, pode apparecer em quasi todas as fórmas de loucura, na mania aguda, na chronica, na paraly-sia geral, na propria demencia. «Além d'isso como com-prehender a intermittencia frequente dos symptomas co-incidindo com a constancia das lesões?» (1) Como expli-car-se os resultados ás vezes tão subitos que se alcançam por meio do tratamento moral? Commoções violentas mas sobretudo uma classe de meios moraes d'uma acção mais comedida, trabalhos manuaes, leituras agradaveis e subs-tanciosas, o recolhimento dos exercicios religiosos, a mu-sica, o discorrer com pessoas sensatas sobre objectos ex-tranhos á idea fixa da loucura,—eis outros tantos recur-sos preciosos, infelizmente quasi desacreditados nos tem-pos modernos, que, entrevistos á sua verdadeira altura no principio d'este seculo por Schulze, (2) operaram

(1) J. Falret, Semeiologie des affections cerebrales (archives de médecine, outubro de 1860).

(2) E. G. Schulze, Anthropologie psychologique.

verdadeiros prodigios nas mãos do illustre Leuret.—Mas ainda que tudo isto se não dêsse, ainda que demonstrado estivesse a presença constante de alterações textis, quem nos poderia dizer que estas lesões eram a causa e não o effeito da loucura, mormente quando os alienistas do partido contrario são os primeiros a asseverarem o seu predominio nos casos de alienação chronica?—

Eis os principaes argumentos invocados pelos espiritalistas puros contra a escola contraria, que, seja ditto de passagem, tende modernamente a reunir os suffragios de todos os alienistas. Examinemol-os e procuremos vêr se todos elles possuem o valôr que se lhes assigna.

Cumprê notar-se em primeiro logar que as allegações fundadas sobre a falta frequente das lesões cerebraes não são tão rigorosas como se pretende. Estes resultados negativos das autopsias, tão numerosos em épocas pouco affastadas, têm diminuido á medida que o microscopio se aperfeiçoa e vulgarisa n'este genero de trabalhos. Hoje estes factos são bastante raros e authores ha como Voisin que declaram nunca os terem encontrado no seu longo tirocinio. A sciencia actual não se dá por satisfeita com verificar em globo as condições physicas do encephalo e seus involucros; vae mais longe,—penetra no seio do tecido nervoso, investiga o vaso capillar, interroga a propria cellula, tenta conhecer as relações que os elementos entre si mantem, as modificações chimicas de que o cerebro pode ser a séde. É só por este meio que se conseguirá reunir d'um modo lento mas seguro todos os elementos materiaes da affecção mental,—que se poderá conhecer todas estas lesões insignificantes na apparencia, mas que se demonstram mais efficazes do que os desar-

ranjos de textura que á primeira vista se descobre. Que differença não vae d'estes processos, em via de aperfeiçoamento, ás grosseiras observações dos nossos antecessores que, ha trinta annos apenas, praticavam nas suas autopsias a exploração do cerebro por meio d'uma colher e um garfo. —

A anatomia pathologica tem feito muito n'estes ultimos vinte annos, descoberto alterações totalmente desconhecidas, fixado a verdadeira natureza d'outras. É sobretudo a Allemanha que em mais alta escala contribuiu para semelhantes successos, e para reconhecermos isto mesmo, basta lançar os olhos para os archivos de Virchow, orgão principal d'estas tendencias, que de 1860 para cá nos offerece a cada passo os estudos mais conscienciosos a respeito das lesões encephalicas. A França ultimamente não deixou tambem de coadjuvar este movimento progressivo, e entre os nomes dos seus filhos mais prestantes n'este assumpto cumpre-nos apontar o de Voisin.

As lesões atheromatosas das arterias cerebraes que veem esclarecer as relações de ha muito conhecidas entre a loucura e as affecções cardiacas, os variados productos das hemorragias intersticiaes do encephalo, os diversos graus de degeneração que a cellula e o tubo nervoso podem soffrer,—tudo isto são verdadeiras conquistas da anatomia pathologica moderna. Mas é sobretudo na esphera das perturbações circulatorias, nas fundas modificações de que as paredes vasculares são susceptiveis,—que esta nova corrente pronuncia os seus progressos reaes. Infelizmente o conhecimento das alterações cellulares não tem acompanhado esta evolução tão rapida e ainda hoje as maiores duvidas pesam sobre esta materia

que ha muito pouco tempo solicita a consideração dos homens da sciencia. Ora se, apesar de todos os obstaculos que se alliam contra ella, a anatomia morbida tem conseguido fazer tanto, imagine-se a que desenvolvimento não attingiria se as suas investigações fossem fecundadas por um conhecimento prévio do funcionamento normal dos elementos nervosos.—Mas é exactamente este elemento importante que lhe tem faltado. A respeito da vida cerebral a pathologia tem prestado á physiologia mais serviços do que recebido. A culpa não deve pois tão sómente recahir sobre a primeira, pertence tambem á segunda, poisque, a despeito da mingoa dos seus esforços isolados, aquella conseguiu conglobar muitos factos dispersos de alterações somaticas, formulando alguns principios geraes.

É assim que, estabelecendo os marcos principaes da marcha evolutiva d'estas alterações, considera a hyperemia como ponto de partida para quasi todas ellas. Esta perturbação inicial é a que determina a longa serie das modificações de tecido, tanto mais profundas, tanto mais graves, quanto mais chronica se torna a loucura, modificações que parecem relacionar-se mais de perto com esta doença, quando residentes nas camadas corticaes dos hemispherios, emquanto que promovem sobretudo perturbações na motilidade quando occupam uma posição mais profunda.

Todas as vezes que a loucura é recente os unicos symptomas que de ordinario se observa são vestigios de congestão geral ou localisada em certas regiões, mas sempre que a affecção tende para a chronicidade estas hyperemias desapparecem d'um modo gradual, sendo substi-

tuidas por outras alterações que pouco e pouco se espraíam e aprofundam no tecido nervoso. É então que nos apparecem as congestões passivas, as expansões serosas, o edema do cerebro, as adherencias meningo encephalicas, os amollecimentos, as degenerescencias das cellulas e da nevrollia e finalmente o marasmo cerebral que marcha no couce d'este lugubre cortejo.—

Em face das considerações que deixamos expostas pode-se até certo ponto deprehender a maneira como encaramos os casos denominados de loucura idiopathica, isto é, d'aquella em que não foi possivel até hoje reconhecer-se a existencia d'uma lesão cerebral qualquer.—Passamos a entrar na consideração d'este ponto.

É na demencia, no idiotismo que se observa as alterações mais graves, mais profundas, alterações que nunca faltam nem devem faltar, poisque ellas nos explicam pelos progressos da destruição de tecido que operam a desorganisação gradual que as faculdades mentaes accusam.

Assim estes estados que não teem propriamente o direito de ser incluídos na loucura, são muitas vezes o resultado final de todo o trabalho morbido que deteriore a substancia nervosa. Um tumor pode deixar de provocar accessos de mania, caso que succede com frequencia, mas o que não deixa de produzir a final é o enfraquecimento successivo das forças intellectuaes, desde o momento em que pela sua evolução gradual avarie a estructura do orgão. Mas nos verdadeiros casos de loucura não deparamos com esta dissolução dos elementos mais notaveis do espirito,—o que vemos é um funcionamento anomalo, uma infracção pathologica das leis da sua actividade ha-

bitual, um extraviamento de todas as operações intellectuaes ou um delirio localisado nos sentimentos.

Que necessidade temos de fazer intervir para estes casos lesões palpaveis, materiaes, que teem de attentar contra a continuidade de tecido?

Não nos surprehendem pois todos estes factos de loucura simples, nem elles veem depôr em desabôno das ideas que seguimos. Basta-nos admittir a existencia de uma actividade anomala que pode persistir por largo tempo sem occasionar o minimo desarranjo organico, desarranjo que, segundo cremos, se produzirá desde que a perturbação ultrapasse os limites de certa duração. O phenomeno que então se deve formar é certamente uma hyperemia activa, talvez por um processo analogo ao da génese d'esta fluxão que surge n'um ponto do corpo em que uma dôr violenta se faz sentir.

Este modo de vêr não constitue uma allegação de todo gratuita, é a admissão d'um estado que tem numerosos representantes no organismo. Não serão talvez a séde de phenomenos analogos, estes elementos cellulares que entram em proliferação para formarem um tumôr?— Não vemos uma perturbação da mesma ordem na hyperkinesia cardiaca?— Não encontramos um argumento mais directo n'estes accessos de mania que se apoderam de certos individuos, no segundo periodo da embriaguez, n'esta loucura moral em que os sentimentos pervertidos inspiram os actos mais perigosos, n'este delirio loquaz em que pensamentos insensatos e palavras sem ordem se atropellam n'uma *fuga desordenada* (ideenflucht, dos allemães)? Todavia, desde o momento em que os emunctorios operam a expulsão do principio toxico, tudo recahe

no estado normal. Se esta loucura artificial dependesse de lesões organicas, porque maneira se explicaria este rapido restabelecimento? Não fallarão no mesmo sentido as observações relativas á loucura sympathica, tão contestada por Georget e Voisin, mas que actualmente deve ser considerada como real,—loucura que desaparece quasi sempre logo que o estado causal tenha deixado de existir?

É possível que esta actividade anomala dependa d'uma perturbação especial da nutrição,—em todo o caso explica-nos o apparecimento de lesões variadas que não tardam com o tempo a vir complicar a doença primeiramente simples, tornando-a incuravel ou muito rebelde ao tratamento.

Não é de todo o ponto verdadeira a asserção mencionada em que se nega toda a correspondencia entre uma dada alteração do cerebro e uma fôrma particular de loucura. É certo que á excepção apenas da paralyisia geral, não é licito dizer-se que uma lesão nos explique a evolução completa dos phenomenos; crêmos até que para o futuro em poucas vesanias bem definidas se poderá proceder assim, pois que, segundo nos parece, não é tanto uma unica lesão mas uma série d'ellas que se deverá descobrir na maioria dos casos. Esta opinião encontra-se de acôrdo com as tendencias localisadoras da physiologia cerebral, e as observações cadavericas feitas nos alienados concorrem tambem em seu abôno.

Conhece-se de ha muito uma especie de loucura que, pelo menos ao principio, se caracteriza por allucinações ou illusões. Então as sensações não só deixam de corresponder ás impressões reaes, como ainda se produzem na

ausencia d'uma causa modificadora da sensibilidade, facto que representa a condição essencial da allucinação.

Qualquer impressão insignificante, os passos d'um individuo, o arrastar d'uma cadeira, a luz d'uma vela, determina uma excitação tão violenta como se os nervos d'estes individuos recebessem o embate d'uma impressão d'intensidade centupla. (1) Pois bem, a autopsia demonstrou depois a existencia d'um trabalho congestivo, localizado nas raizes nucleares dos nervos opticos, olfactorios, ou acusticos, tanto como nos thalamos opticos, partes estas do cerebro que, principalmente depois dos trabalhos de Luys, se tende a considerar como os orgãos destinados a elaborarem as impressões, tornando-as aptas para a sua transformação ulterior em sensações.

Os estudos modernos sobre as perturbações da circulação encephalica veem corroborar este modo de vêr. Sabe-se que a mania aguda coincide com o raptus congestivo do cerebro, facto que se denuncia pela turgencia das veias cervicaes, a rubefacção do rosto, a animação da phisionomia, a injeccão das conjunctivas, o calôr que o doente declara sentir na cabeça. Ao mesmo tempo que o elemento nervoso é estimulado por maior affluxo de sangue, as manifestações psychicas revelam uma excitação geral. As palavras são rápidas, precipitadas; o character violento com surexcitação das paixões e predomínio de tendencias más; as idéas acceleradas no seu cur-

(1) Dagonet, *op. cit.* — Voisin, *Leçons cliniques sur les maladies mentales.*

so como o sangue em movimento dentro das arterias dos seus hemispherios cerebraes.

Que perfeito contraste não apresenta este quadro com a fórma de loucura, transitoria ou permanente, que resulta da anemia ou pelo menos a reconhece como elemento essencial?—O semblante sombrio, uma profunda melancolia, um silencio prolongado, olhos sem brilho ou empanados pelas lagrimas, ideas negras que lhe surgem a cada instante no espirito, paixões tristes que lhe entorpecem a alma; e por outro lado a cutis amarellada, a face livida, as mucosas descoradas, as extremidades frias, a pelle anesthesiada em proporções variaveis, — eis os symptomas physicos offerecidos por estes alienados, symptomas que, assim como vêmos, correspondem aos signaes evidentes d'uma verdadeira ischemia moral, — dupla serie de manifestações morbidas que desaparecem quasi sempre sob a influencia d'um tratamento reconstituente.

É verdade que estes infelizes denotam primeiro uma certa excitação nas operações psychicas, mas este facto, facil de se observar no delirio famelico, vem confirmar as ideas expostas, visto que está de accôrdo com a estimulação inicial que as cellulas nervosas soffrem quando subtrahidas á influencia vivificante do sangue. Não existe uma correlação análoga entre os signaes da excitação physica e a natureza expansiva ou depressôra do delirio, na loucura circular, no hysterismo?—Quando n'estas o pulso é fraco, a temperatura pequena, o rosto pállido, — o espirito sente-se tambem dominado pelo desanimo, cahe n'uma verdadeira prostração; move-se no circulo de paixões tristes e mesquinhas; quando ao contrario as arte-

rias pulsam com força, a temperatura geral augmenta, o semblante se anima,—vemos uma vida nova revigorar-lhe a alma, a alegria, a loquacidade, a satisfação de si proprio, uma generosidade insolita, denunciarem-se em qualquer dos seus actos.—

O logar occupado no cerebro pela alteração não é uma circumstancia indifferente. As autopsias fizeram vêr que a perda de consciencia era completa, sempre que a lesão comprehendia todas as circumvoluções dos hemispherios, enquanto que a loucura era tão sómente parcial, toda a vez que a degeneração dos elementos nervosos se limitava a uma parte apenas d'estas camadas periphericas.

Certo é que alterações consideraveis do tecido cerebral, tumores extensos, por exemplo, conseguiram conciliar-se por muito tempo com uma perfeita sanidade de espirito;—não seremos nós que pretendamos protestar contra uma proposição fundamentada nas observações de alienistas como Esquirol, Georget e Guislain. Diremos ainda que nenhum factó ha definitivo na sciencia a respeito d'um unico accesso de loucura que fosse produzida por uma neoplasia, ainda as que mais rapida evolução affectam. Geoffroy, (1) n'um caso de cancro cerebral, leva mesmo tão longe a sua repugnancia por esta pathogenia que de modo nenhum filia n'esta lesão o delirio de perseguições, as ideas de desconfiança e as allucinações de todos os sentidos que a doente apresentava. Duvidariamos da mesma fórma se nos encontrassemos em con-

(1) Geoffroy, *Annales médico-psychologiques*, T. 5.º pg. 521

dições analogas, duvida muito legitima que não contrasta com as ideas que seguimos.

Para nós as lesões actuaem mais pela qualidade que pela quantidade ou extensão. Cremos firmemente e esta crença está longe de ser desmentida pelos factos, que esta degeneração das paredes vasculares ou do conteúdo das cellulas que só o microscopio nos denuncia, é bem mais importante do que esta destruição evidente de tecido, que nos dá quando muito a razão de ser da consumpção gradual das faculdades. Demais tambem temos a entrar em linha de conta com outra circumstancia de maximo interesse,—que é a séde da lesão. Se alguma distincção importante a pysiologia tem estabelecido nas funcções do cerebro, é certamente a que respeita á diversa actividade que ella assigna, por um lado á substancia cinzenta da periphèria, onde os actos intellectuaes mais nobres se elaboram, e por outro lado a parte branca, as fibras cerebraes, reóphoros passivos, que velam pela communicação da periphèria com os ganglios encephalicos. Que nos póde portanto surprehender o espectaculo da coincidencia de alterações mesmo extensas d'esta ultima substancia com a integridade da razão?

Que o tratamento moral pode em certos casos prestar grandes serviços,—asseveram-no os factos ao mesmo tempo que o raciocinio. Se as causas moraes parecem possuir bastante energia para occasionar o desarranjo mental, nada nos repugna conceber que ellas mesmas possam restabelecer a paz nos dominios em que agitaram o facho da revolta.

Já démos anteriormente noticia da influencia poderosa que a moral exerce por meio do grande sympathico

sobre a organização, e muito mais longas poderiam ser as considerações que então adduzimos. A commoção organica originada pelos movimentos impetuosos da alma ou pelas impressões phisicas violentas, é um dos seus exemplos mais frisantes, mais lucidos,—tanto que Leuret, preconizando o tratamento moral quasi exclusivo, recorria com frequencia, como na applicação dos douches, á acção benefica d'uma commoção, é verdade, mas que estava muito longe de reconhecer a alma como ponto de partida.—Ora se estas acções lograram por mais d'uma vez modificar fundamente o funcionamento de varios orgãos, a composição intima de certos humores,—até que profundidade não poderão levar os seus effectos sobre o proprio orgão do pensamento que é o manancial quasi constante de todas estas influencias perturbadoras?

Certamente que os factos de cura subita da alienação mental por meio d'uma commoção, factos referidos em numero ainda assim mui limitado pelos proprios classicos, não podem concordar com a existencia d'uma lesão incapaz de se desvanecer debaixo do influxo de causas d'esta especie,—mas poder-se-ha dizer o mesmo, encontrar-se-ha as mesmas difficuldades, se admittimos em todos estes casos não uma alteração do estructura, mas uma exageração ou perversão pathológicas da actividade cerebral?—

Este modo de vêr é comprovado pela relação quasi constante que se tem podido estabelecer entre a idade da doença e os resultados variaveis, obtidos pelo tratamento moral. Quando mais recente é a loucura, mais probabilidades de bom successo pode ter uma therapeutica d'este genero, probabilidades que se desvanecem á medida

que a doença entrar cada vez mais no caminho da chronicidade. Então estes meios, quando reduzidos ao emprego de fundas perturbações physicas ou moraes, longe de serem beneficos, são muitas vezes altamente nocivos.—

As operações manuaes representam sem contestação um processo muito mais util. Os medicos mais organisistas declaram isto mesmo. Ferrus que não pode suspeitar-se de apaixonado pelas espiritalistas doutrinas, foi um dos que mais insistiu para se vulgarizar em França os trabalhos corporeos nos asylos de alienados, fazendo vêr que o numero de curas era notavelmente inferior nos estabelecimentos d'esta ordem onde se recolhiam individuos de classes elevadas que, pela sua posição, não poderiam ser submettidos a tal regime. «Seria necessario, diz elle, (1) ter muitas especies de trabalhos para os proporecionar ás forças physicas dos alienados. Não são sermões, provas moraes contra a realidade dos seus males, dos seus tormentos, dos seus temores, que lhes aproveitam. Tudo é inutil ou pernicioso. Physicamente devemos dar acção a todos os orgãos nervosos que não sejam o cerebro, concedendo a este o maximo descanso possivel. Moralmente são distrações de toda a especie que na realidade conveem aos doudos, por que assim como disseram Cicero e Montaigne, a diversão é o remedio mais poderoso para as doenças do espirito.»—

Pelo que diz respeito aos meios propriamente intellectuaes que Leuret reputava de tanto valôr em theoria, sem lhe conceder na prática uma applicação correspon-

(1) Ferrus, Des alienés, pag. 263.

dente, forçoso é confessar-se que os resultados clinicos não corroboram de maneira alguma as previsões systematicas. Por melhor que se demonstre a um doudo a falsidade completa das suas idéas delirantes, elle persistirá n'ellas, a despeito dos melhores raciocinios, dos arrasoados mais logicos e convincentes.

Baillarger (1) conta-nos o facto seguinte que sobremaneira nos prova o nenhum valimento d'estes ensaios: «Quando M. Trélat foi encarregado da direcção provisoria de Bicêtre, encontrava-se n'este hospital um doente que julgava ter resolvido o problema do movimento perpetuo. Depois de ter empregado em vão todos os argumentos de que pôde usar contra esta imaginação, veio á lembrança do medico de que a grande authoridade de Arago teria o effeito salutar de convencer este individuo.

Arago, tendo adquirido a certeza de que a loucura não era contagiosa, consentiu em combater esta idea fixa. Conduziram o doudo ao seu gabinete onde A. de Humboldt se encontrava por acaso. Quando o pobre homem recebeu da boca de Arago a demonstração positiva do seu erro, ficou por assim dizer estupefacto, depois deramando lagrimas abundantes, deplorou a perda da sua illusão. O fim proposto parecia ter sido alcançado. Mas M. Trélat e o seu doente ainda não tinham dado vinte passos na rua, quando este, voltando-se para o medico, lhe diz: É o mesmo; M. Arago engana-se, e sou eu o que tenho rasão.»

Como este muitos outros factos poderíamos citar que

(1) Maudsley, op. cit.

se encontram em desaccordo manifesto com as idéas de Leuret. Sabe-se que este alienista, comparando a loucura com o erro, imaginava que a primeira nada mais era que uma doença da alma. Comtudo, justiça é dizer-se, o bom senso d'este medico illustre, fazendo-lhe vêr a inutilidade completa do emprego dos meios de tratamento que naturalmente se fliavam na sua theoria, aproveitava-se a final dos effeitos que poderia obter das commoções phisicas, ou de todos os meios susceptiveis de permittirem o repouso do cerebro, imprimindo a outros orgãos um exercicio compensadôr.

As tentativas praticadas sobre tudo nos Estados-Unidos por Choutes, Brown, Parsons, Gray, Nichols, Bartow, que fundaram em diversos asylos de alienados escolas bem dirigidas, onde os doentes se occupavam com a leitura, a grammatica, a arithmetica, e muitos outros elementos d'uma instrucção amena e variada, — não só deixaram de ter a minima influencia favoravel sobre o mal, como não operaram nos doentes sensiveis progressos n'estas materias.—

Poderíamos ir ainda mais longe na apreciação dos hyperbolicos successos que os espiritualistas attribuem ao tratamento moral, mostrando-se mais claramente que só os meios d'esta natureza que se dirigem d'um modo particular á sensibilidade psychica, são os que nos devem inspirar alguma confiança, tendo sido aquelles que mais resultados efficazes denotaram. Comtudo necessario é confessar-se, ainda que de passagem, que taes successos, operados quasi sempre de maneira casual e sem a intervenção do medico, não são tão frequentes como se pretende, pois que o proprio Esquirol, que pela sua longa

clinica fundamenta uma sciencia, apenas apresenta um caso incontestavel d'esta especie.

Mas, ainda que tal se não dêsse, que ceifa copiosa se não encontra de casos de loucura, curados pelo emprego de meios pharmacologicos ou pela intereurrencia critica d'outras doencas? Basta citar entre os primeiros os resultados obtidos pelo opio, o sulphato de quinina, o ferro e muitos outros medicamentos, cujas indicações variaveis em extremo dependem do juizo que se forme da pathogenia especial do caso.—Entre os segundos seja-nos licito apontar como affecções, dotadas d'uma influencia muitas vezes feliz, a variola confluenta (Shalger e Chiaruggi), a phtysica (Dr. de Lemaestre), erysipelas graves (Verga), e principalmente as febres intermittentes e typhoides que em mais alta escala teem determinado estes resultados favoraveis. Bach conta dez casos de cura da alienação entre onze de febre typhoide, Shalger seis sobre onze, Gay quatro entre dez; Lucé de Vire aponta-nos um caso de mania aguda causada por uma febre intermittente, e a influencia d'esta ultima foi egualmente interpretada favoravel por muitos authores, entre elles Koster e Nasse que verificou no asylo de Sachsenberg duas curas radicaes e 24 casos de melhora em 68 doentes.— Todos estes factos não se encontrarão em desaccordo com as ideas que procuramos combater?—

A presença constante d'uma lesão somatica na loucura,— eis para nós a condição essencial da génese do estado morbido, quer esta lesão se restrinja a uma perturbação como dinamica do encephalo, quer, n'um periodo ulterior da sua marcha, se transforme n'uma verdadeira alteração de textura. É certo que este pondero-

so problema não encontrou ainda uma solução cabal, quando encarado sob todos os pontos de vista em que se nos antolha, mas a maneira como o consideramos, ainda que só tivesse por unico merecimento mostrar-se concorde com o parallelismo que a sciencia actual procura estabelecer entre a psychiatria e o restante da pathologia, bastaria para nos pôr a salvo de qualquer arguição.

Acabamos de vêr a que proporções exiguas se reduzem as allegações d'aquelles que protestam contra esta ordem de ideas. Uns dos seus argumentos não possuem a importancia exagerada que se lhes concede, outros hostis á primeira vista, conciliam-se em ultima analyse com o modo de vêr que professamos. Demais a corrente das ideas modernas vae-se tornando cada vez mais desfavoravel á adopção das affecções *sine materia*, e a propria epilepsia, que tão intimas relações affecta com a alienação mental, parece tambem participar do mesmo destino, depois das recentes investigações do Dr. Poulet, que tende a attribuir com bastante fundamento a producção d'esta doenca á hyperammoniemia, isto é, á existencia em excesso dos saes de ammoniaco no liquido sanguineo.

Um dia virá por certo em que desaparecerão de vez todas estas difficuldades que ainda hoje pesam e pesarão por muito tempo sobre tal assumpto, mas quando a anatomia pathologica attingir maior desenvolvimento, quando a physiologia, aprofundando o conhecimento das funcções encephalicas, elucidar e conseguir comprehender o mecanismo da acção dos centros trophicos do cerebro, tanto como a influencia dos nervos vaso-motores sobre as suas condigões circulatorias,—então acreditamos com

*

firmeza que a loucura não continuará a ser o pária da nosologia geral.

III

É sobretudo no exame da etiologia d'uma affecção que nós devemos procurar a chave da sua pathogenia. O titulo mais exímio da primeira reside no concurso que presta para a organização scientifica da segunda. Mas para alcançarmos um fim de tal magnitude, não basta enumerar as circumstancias que nos pareçam possuir algum valor etiologico; não basta levantar estatisticas para aperfeiçoar uma nomenclatura quasi sempre já longa em demasia, buscando elucidar certas minudencias ou determinar os logares que taes circumstancias occupam na escala etiologica;—este minucioso trabalho a nenhum resultado importante por si só nos poderia conduzir. É necessario encararmos a questão d'um ponto de vista mais elevado, estudar-mo-la por um modo mais philosophico.

A esta investigação paciente, a esta analyse cuidadosa devemos fazer seguir uma operação inversa que, reunindo n'um complexo luminoso todas as circumstancias estudadas uma a uma, investigue a natureza das relações que ellas mantem entre si, procure conhecer a qualidade e quantidade da sua acção, a maneira como cooperam para o effeito commum, tanto como as differentes phases que imprimem á evolução d'essa doença. Só um trabalho d'esta especie, apoiado sobre analyses conscienciosas, só elle é susceptivel de nos fazer progredir no co-

nhcimento da natureza e organização genesica das doenças. «Estudadas no seu estado de isolamento, diz Morel, as causas só nos deixam vêr uma das faces da situação pathologica». É na sua engrenagom reciproca, no jogo de influencias que exercem umas sobre as outras, que nós devemos encontrar as bases da verdadeira etiologia.

Mas em que logar da pathologia se encontrará definido este processo organisadôr n'um tempo que parece caracterisar-se por uma tendencia quasi geral á analyse exclusiva?—Em poucas partes vêmos, com effeito, realiado um plano, bem comprehendido, ainda que mal executado pelos antigos; e a psychiatria é a primeira a fornecer-nos uma prova frisante da existencia d'esta grande lacuna.

Se abrimos um tratado de affecções mentaes, na parte relativa á etiologia, que vêmos nós?—Vêmos succederem-se as influencias da natureza mais diversa, desfilarem muitas vezes sem ordem todas as causas moraes ou physicas, morbidas ou sociaes, que uma ou outra observação parece indigitar como preenchemdo certo papel na génese da loucura. Algumas d'ellas são mesmo bem estudadas, talvez bem conhecidas, mas d'um modo circumscripto, restricto, limitado. É sempre esta nomenclatura quasi esteril que de mingoado soccorro pôde ser para a pathogenia; é sempre esta profusão de factos desligados, de observações isoladas, a prestar-se a todas as interpretações theoriccas, ás vistas preconcebidas de todas as theorias.

Foi tambem á sombra d'esta pulverisação etiologica, que a discussão da preeminencia das causas da loucura encetada ha tantos annos, logrou prolongar-se até

aos nossos dias. Uns veem nas influencias moraes, nas paixões, no fanatismo, nas commoções sociaes, a causa unica da alienação mental; outros outorgam o mesmo poder exclusivo a uma série de circumstancias oppostas, ás lesões pathologicas, ás affecções organicas. É a mesma questão considerada no capitulo anterior que se nos apresenta sob um aspecto diverso.

Os partidarios do segundo d'estes modos de vêr foram os que appareceram na sciencia em primeiro lugar. Os medicos mais insignes da antiguidade, Hyppocrates, Diocles, Asclepiades e sobretudo Areteu, consequentes com as idéas humoristas que professavam, levados da necessidade ou antes da presumpção de sancionar theoreticamente a génese do phenomeno, imaginaram que a loucura dependia, ou do transporte directo para o cerebro dos humores peccantes, ou das lesões encephalicas provenientes da mesma origem. (1) É certo que estas considerações pathogenicas expendidas em profusão só devem ter para nós um valor historico, mas entretanto, seja ditto de passagem, não é por ellas que poderemos avaliar o grau notavel de desenvolvimento a que os estudos psychiatricos chegaram n'aquellas éras. Admira-nos mesmo como se podessem extraviar em hypotheses, tantas vezes extravagantes, espiritos que nos legaram descrições tão conscienciosas, tão completas como as que Soranus e Areteu fizeram da melancolia e da mania.

Foram estas ideas mais ou menos modificadas, mas

(1) Trélat, *Recherches historiques sur la folie*, 1839; Dagonet, *cap. cit.*

sempre identicas no fundo, que vigoraram até ao seculo 18.º. O humorismo continuava a dominar o espirito de quasi todos, e ainda mesmo aquelles que já se tinham emancipado da sua tutela, aventando novos systemas, attribuiam ás causas physicas uma preponderancia exclusiva. É nos fins do seculo passado, principios do actual, que se produz um movimento reaccionario que pretende restringir á esphera moral a etiologia da loucura.

Um dos mais convictos propugnadores d'estas idéas foi o illustro Pinel que, possuido das grandes concepções que por aquelle tempo fermentavam no espirito de todos, depositou, a titulo de *modesta offerenda no altar da prosperidade nacional*, a apologia do tratamento moral dos alienados, de envolta com a proscricção de todos os meios violentos que até então haviam sido preconizados contra elles. Infelizmente este movimento não tardou a exagerar-se, levando de vencida e ameaçando absorver toda a etiologia. D'aqui numerosas controversias que ainda hoje persistem, apezar da nova feição que a psychiatria vae tomando.

Para que lado deverá pender a victoria?— Nenhum dos dois modos de vêr mencionados acima teem absolutamente razão. Ambos exprimem uma parte da verdade, mas não comprehendem o seu todo.— Aos raros homens da sciencia que pensam com Leuret que os tumultuosos movimentos da alma, são os unicos elementos productores da loucura ou os mais importantes,—a esses perguntariamos em que logar exilam as observações relativas a estes accessos occasionados por excessos venereos, ou por todas essas nevroses graves que parecem conservar com a loucura um parentesco tão intimo?—Perguntariamos porque ma-

neira explicariam estes ataques de verdadeira loucura furiosa (omok, mata-gláp) que investem os indigenas do archipelago indio, em razão do abuso que fazem do opio? —E que diriam do *hachish*, esta substancia tão explorada por Mahomet para fazer antegostar na terra aos seus fanaticos sectarios os prazeres sensuaes que os esperavam no céu musulmano; que diriam do absintho, do alcool, d'estes agentes excitadores por excellencia de todas as perversões do coração, que transformam o ebrio n'um instrumento de morte, que lhe decompõem uma a uma todas as forças psychicas até o reduzirem ao idiotismo, e que tantas vezes se transmite á descendencia debaixo da forma de loucura? Por que jogo de influencias moraes podem elles conceber a producção da estupidez completa d'este ebrio parisiense que, depois de ter assassinado a mulher, sem saber porque, volta deitar-se e dorme duas noites com o maior socego na cama em que jaz o cadaver? (1)

Estes e outros factos não teem explicação possivel na theoria em questão, quando vemos agentes materiaes darem origem a uma psychopathia que, marchando a par da deterioração progressiva do organismo, só pode ser attribuida a lesões egualmente physicas. A sciencia archiva a cada momento observações d'esta ordem que vão de encontro a doutrinas que hoje quasi só reúnem os suffragios dos espiritalistas intolerantes. Mas a condemnação d'estas ideas não justifica a apothose das contrarias. A predominancia exclusiva das causas materiaes é tambem uma hypothese que só differe da primeira em pro-

(1) Despinae, Le démon alcool.

curar uma base aparentemente segura nas tendencias praticas da psychiatria moderna. Os clinicos mais insi-gnes reservam um logar de certa importancia ás causas moraes, e o proprio Esquirol, o classico por excellencia, o maior alienista da Europa, foi o primeiro que fez sentir a sua influencia. É umas vezes uma subita catastrophe, um desengano violento, uma ambição illudida, — é outras vezes a perda completa dos bens em especulações infelizes, o amor paternal golpeado pela ingratição d'um filho, a nova inesperada do fallecimento d'um sêr amado; e outras, outras muitas circumstancias do mesmo genero, que provocam accessos quasi instantaneos de loucura.

Mas ha mais. A loucura pode contagiar-se, pode mesmo reinar d'um modo epidemico. Sabe-se com que facilidade teem perdido a razão muitos individuos habitua-dos a verem doudos e a imitarem-nos, e Laurent ⁽¹⁾ dá-nos conta da rapidez com que se produziu n'outros a doença que simulavam para fins illicitos. Não está hoje demonstrado por Lunier sobretudo a influencia fatal exercida sobre a alienação pelas commoções sociaes? Não se encontrará talvez o rasto da loucura nas ruinas amon-toadas por essas legiões dos furiosos sicarios da commu-na, que proclamavam a suppressão da divindade, da familia, a dissolução de todos os élos sociaes, a ruina de todas as instituições que se baseiam sobre o que ha de mais nobre no espirito humano?—Milhares de factos nos asseveram o imperio que teem as ideas reinantes sobre a

(1) Laurent, E'tudes médico légales sur la simulation de la folie

gênese do estado morbido, imprimindo-lhe um cunho particular, fazendo com que elle se propague por um verdadeiro contagio que dá rapidamente origem á monomania d'uma população inteira.

É sobretudo a exageração do sentimento religioso que tem produzido as mais assustadoras epidemias. Entre ellas avulta na historia pelos horrores porque foi acompanhada a theomania anabaptista que por tanto tempo trouxe a Europa em sobresaltos. É certo que n'estas occasiões ha sempre ambiciosos, hypocritas, que exploram em seu proveito as convicções enraizadas pelo fanatismo ou talvez melhor por a loucura no espirito dos que actuum de boa fé; mas esta accusação deve ser tão sómente lançada em rosto a um numero muito limitado, e nós devemos suspender este juizo desfavoravel em presença de homens como estes anabaptistas que se deixavam retalhar pelo carrasco sem abjurarem as suas idéas. Eram pela maior parte alienados, poisque outro nome não podemos dar a gente semelhante a esta mulher da mesma seita que se deixa morrer de inanição por se convencer que o Senhor a sustentaria com alimentos invisiveis, se jejuasse como o Salvadôr durante 40 dias. Não deveremos aventar a mesma opinião a respeito d'estes huguenotes de Cévenne que se apresentavam desarmados perante os exercitos de Luiz 14.^o, imaginando que um sôpro seu bastava para exterminar o inimigo? E a zoanthropia epidemica do tempo de Luiz 13.^o não nos apresenta exemplos analogos n'estas mulheres que, declarando-se possessas, accusavam-se de terem devorado recém-nascidos antes do baptismo, de copularem com os diabos ao sabbado, e que, suppondo-se transformadas em lobos, percorriam os bos-

ques, indo desenterrar os cadáveres de creanças para as devorarem?—E não é só no tempo em que a ignorancia era o apanagio das rudes populações da idade media, mesmo hoje, em pleno seculo 19.^o, contemplamos a reprodução de factos analogos nos *shahers* de Londres, nos espiritistas da America, nos demonomanos de Morzine.

Na etiologia da loucura parecem figurar ao mesmo nivel as causas physicas e moraes,—eis a conclusão que se poderá deduzir d'esta longa série de factos isolados, alternativamente invocados como termos hostis ou favoraveis a qualquer das duas theorias de que já fallamos.

Vejam os agora se poderemos obter mais fartos esclarecimentos d'este processo, tão prodigo em resultados preciosos, que foi inaugurado na Belgica por Guislain, introduzido em França por Morel, acolhido com geral applauso na Allemanha por um tão grande numero de alienistas á frente de quem se encontra Griesinger. Nas éras pouco remotas da psychiatria classica via-se em toda a parte causas determinantes que deviam merecer com mais razão o nome de especificas. Se um ataque de loucura succedia a um phenomeno qualquer, a um acontecimento sobrevindo na vida d'um individuo, a uma lesão material de qualquer especie,—esse phenomeno, esse acontecimento, essa lesão, incorria desde logo na suspeita de unicos perpetradores do crime. Contava-se com um dos criminosos e não se procurava conhecer se elle teria ou não cumplicos, não se buscava averiguar a existencia de causas anteriores que tivessem induzido uma circumstancia occasional-a provocar um acto preparado de antemão;—era sobre esta causa proxima que se offerecia imprudentemente aos olhos dos seus juizes e apenas sobre ella que

recalia toda a vindita da sciencia. Hoje pensa-se de modo muito diverso. As causas da loucura como as de quasi todas as outras doencas continuam a dividir-se em predisponentes e determinantes, mas não é sobre as ultimas que dirigimos a attenção, é particularmente sobre as primeiras que formam o elo mais importante da cadeia psychopathica. Não é que a distincção entre estes dois grupos de causas seja muito profunda, — todas ellas conspiram para o fim commum n'uma proporção ás vezes difficil de precisar; todas se encadeiam n'uma serie de acções harmonicas, sem que possamos dizer com affouteza se um dado elemento que se vê figurar em lugares diversos da escala, deverá ser denominado predisponente ou determinante. É o que succede com a hereditariedade.

Para a génese d'um caso de alienação coopera uma longa serie de circumstancias, ás vezes de pouca monta na apparencia, mas que entretanto preenchem um certo papel no desempenho do drama. É então que o observador, acompanhando passo a passo a evolução do mal, vê surgir ante os seus olhos as causas da natureza mais diversa, paixões ao lado da embriaguez, uma perturbação social a par de predisposições hereditarias; é então que elle possui todos os elementos do processo, todos os dados do problema, que elle reflecte em que esta suppressão menstrual, indigitada primeiro pelo seu espirito como causa unica do accesso, era simplesmente a derradeira gotta que fizera trasbordar a taça quasi cheia por todas estas causas que tinham distillado a loucura atravez das gerações.

Entre todas estas causas avulta portanto, pela sua importancia real, a hereditariedade. Vae já muito longe

de nós a época em que se negava a transmissão hereditaria da loucura nos termos seguintes: «A loucura é a perda da liberdade moral; nunca depende d'uma causa physica; não é uma doença do corpo, mas do espirito, um peccado. Não é, nem pode ser hereditaria, porque o eu pensante, a alma, não o é tambem.» Eis como Heinroth, entrincheirado a traz d'um espiritualismo exclusivo, ou antes d'um theologismo medico, tanto ou mais prejudicial que o materialismo de então, attentava ao mesmo tempo contra a causa da humanidade, a propria psychologia, a observação clinica dos factos. Hoje a hereditariade da loucura é um dos factos mais bem assentes da historia d'esta affecção, e se algumas duvidas se levantam a seu respeito, estas discordancias referem-se, não tanto á contestação em these d'uma importancia geralmente admittida, mas á extensão variavel da influencia que se lhe attribue. Uns só admittem a sua intervenção para os casos bem definidos de loucura; outros, ampliando sobre modo a esphera da sua influencia, consideram como fonte hereditaria das affecções mentaes, não só as diatheses como as doenças nervosas em geral. Assim em quanto que os primeiros dizem, por exemplo, que a sua frequencia é de 15 sobre 100 casos, os segundos asseveram que é de 60 ou mesmo de 80 por cento (Esquirol, Briere de Boismont). Hoje quasi todos os authores tendem a considerar o alcoolismo, as affecções e anomalias nervosas e todas as causas que podem produzir estas ultimas, como os unicos elementos capazes de originar a loucura por via d'este processo transmissôr.— É tambem este modo de vêr que adoptaremos.

Fóra do nosso proposito ficariamos, se pretendesse-

mos tratar um assumpto como este com o desenvolvimemto que elle comporta; bastar-nos-ha delinear a largos traços a maneira como elle deve ser encarado pela psychiatria.

A hereditariedade não é propriamente uma causa, porque, « não é o primeiro principio, nem a origem de nada; não principia as predisposições e doenças, como não começa as formas, as côres, os órgãos, os instinctos, as tendencias, as faculdades dos sêres.» (1) Ella representa o complexo das causas, diversas em natureza, mas concordes na sua acção, que operaram successivamente sobre os individuos da mesma familia, para organisarem o effeito morbido que é a derradeira expressão de todas estas influencias accumuladas no decorrer das gerações. Quando muito reune, combina ou transforma os elementos pathologicos dispersos no organismo dos ascendentes, imprimindo-lhes por esta alliança realisada no acto da geração, uma actividade nova. Nada cria, nada destroe, mas pratica uma elaboração intima, prolongada, paciente, que se nos impõe na vida normal tanto como pathologica da especie. «A natureza não criou typo individual, não formou «typo generico»; só instituiu o typo da especie.» (2) É que os individuos, levados por este movimento incessante que hoje os faz surgir á flôr da existencia para amanhã os condemnar a desaparecer para sempre, são fórmulas fugitivas, como dizia Buffon, d'alguma cousa de permanente, que são as especies, os

(1) P. Lucas, *Hérédité naturelle*, T. 2.º, pg. 553.

(2) Rémaudin, *Traité des maladies mentales*.

unicos sêres perpetuos da natureza. Um dos grandes meritos de Darwin foi elucidar todo este mecanismo entrevisto ha muito tempo antes da sua immortal theoria, e o passo mais gigantesco effectuado pelos alienistas na etiologia philosophica da loucura foi aquelle que deram Rénaudin, e sobretudo Morel, quando, apoiados sobre a observação clinica, se lembraram de applicar estes dados importantes á sciencia que professavam. Como diz tão bem o primeiro d'estes authores, «não é de prompto que a alienação mental se torna ordinariamente o producto da hereditariedade; e muitas vezes duas ou tres gerações passam pelas modificações proteiformes de nevroses diversas antes de chegarem a este resultado final.» (1)

Campagne foi ainda mais longe, fez remontar a mania lucida até á quarta geração. E não são apenas as doenças nervosas propriamente ditas que preenchem este papel etiologico, todos os defeitos da organização psychica, o desequilibrio persistente das faculdades mentaes, a extravagancia ou excentricidade dos caracteres, a falta d'energia da vontade, a ausencia parcial do bom senso, a preponderancia dos sentimentos egoistas, a irresistibilidade habitual das tendencias instinctivas, — tudo isto parece ter direito a reclamar uma influencia do mais subido valôr. É ao menos o que se vê claramente quando se compulsa as estatisticas hereditarias dos maniacos lucidos, onde a loucura propriamente dita raras vezes apparece. Então alguns descendentes começam em tenra idade

(1) Cavalier, Thèse de concours pour l'agrégation. Montpellier, 1854, pg. 91.

a manifestar estes symptomas que se faziam vêr nos seus progenitores, o desequilíbrio mental, a sua degeneração, para me servir da expressão de Morel, vae-se avolumando gradualmente, augmentando em intensidade, até ao momento de se transformar n'uma alienação bem definida.

Qual será a causa que produzirá estes effeitos n'uma familia, emquanto que n'outras, onde as mesmas circumstancias tinham logar, o descendente, sobre cuja cabeça fluctuam todos os defeitos moraes das gerações anteriores, nunca ultrapassa esta zona intermediaria á razão e á loucura?—Será a hereditariedade, que, assim como dissemos, nada cria, nada destroe, ou este elemento obedecerá a uma potencia de ordem superior, o grande principio da evolução natural, que parece traduzir uma das leis mais importantes do cosmos vivo?—Eis outras tantas questões que se deparam ao alienista moderno, questões começadas a ventilar nos ultimos tempos, e que devem merecer d'ora ávante uma consideração que assumptos d'uma classe tão elevada necessariamente inspiram.

IV

Depois de tudo o que havemos dito nos capitulos anteriores seguir-se-hia, como remate natural do nosso trabalho, a consideração da pathogenia da loucura. Mas obrigação nossa é confessar que este assumpto, principiado a estudar-se no seculo actual, poucos progressos

tem feito, depois que o illustre Guislain estabeleceu as suas bases fundamentaes. Os alienistas que o precederam, perdendo a confiança perante as doutrinas extravagantes dos antigos, à nenhuma tentativa persistente se entregaram n'este sentido; e os que se lhe seguiram, nada mais fizeram do que desenvolver ou modificar de leve a sua theoria, que representa um dos rastros mais brilhantes que o Esquirol da Belgica deixou na psychiatria. É a elle que devemos a unica theoria completa que existe na sciencia baseada sobre a observação clinica, e a demonstração mais irrecusavel da sua importancia, reside na adhesão quasi geral que ainda hoje, depois de vinte annos de estudos, continua a grangear da parte dos clinicos mais eminentes. Não é que as suas ideas sejam inteiramente novas, que não devam até certo ponto reconhecer como predecessôres os trabalhos de Spurzheim, Bird e Amélung que já tinham antes d'elle proclamado com insistencia o papel importante que a alteração da sensibilidade moral parecia preencher na génese da loucura; — não, a organização definitiva de trabalhos d'esta especie não é levada a cabo por um unico individuo, ainda que elle seja das forças de Guislain, necessita da intervenção d'um grande numero de operarios que todos concorram para a construcção do edificio commum. Que differença profunda não campêa entre as tentativas theoricas isoladas dos primeiros, tentativas que se desvaneceram sem encontrarem um ecco na sciencia, e o estudo pratico, bem organizado, philosophico do grande alienista?

Grande foi portanto o seu commettimento, e com razão um conterraneo seu, o Dr. Lentz, nos diz, que a obra de Guislain domina o conjuncto dos nossos conheci-

mentos n'estas regiões tão importantes da psychiatria.— Comtudo o seu nome parece muitas vezes votado a um olvido completo pelos authores modernos, ainda que elles sejam os primeiros a aproveitarem-se das suas ideas. Como exemplo d'este injusto esquecimento, basta citar o tratado recente de Mr. Dagonet, que, no capitulo por elle consagrado á physiologia pathologica da alienação mental, nem de passagem se refere aos trabalhos do grande homem. Pr. Despine, passando em revista diversas theorias da loucura, pretendendo fazer taboa rasa de todas as doutrinas em voga sobre este ponto na psychologia, comporta-se tambem do mesmo modo. Pois bem, nós que vemos fulgurar o nome de Guislain em todos os capitulos da psychiatria, que podemos facilmente apreciar a profundidade das suas vistas geraes, das suas vastas concepções philosophicas, devemos protestar energicamente contra esta linha de conducta. É pois tambem como traducção do nosso humilde protesto que remataremos o trabalho presente com a exposição da sua theoria pathogenica.

A sensibilidade moral representa o intermediario quasi constante, senão unico, do commercio que a nossa entidade subjectiva mantem com o mundo objectivo. Uma idea qualquer só actua de ordinario sobre nós por meio do prazer ou dôr de que a sua concepção mental é o ponto de partida, e a minima impressão proveniente do exterior ou do proprio organismo parece não poder provocar uma operação mental de ordem superior, senão depois d'um transito de certa complexidade que reconhece como origem obrigado a sensibilidade psychica. É tambem esta que Guislain indigita como a porta por onde

a loucura penetra no espirito, quer ella seja o producto d'um phenomeno interno, d'uma commoção moral, quer o resultado d'uma doença organica, d'uma alteração inicial do cerebro ou lesão sympathica d'outras visceras.

O senso emotivo, segundo a expressão do author, é sempre affectado na loucura. Mas a explicação não pára aqui. Seria necessario determinar a natureza da affecção. Eis o que elle faz nos termos seguintes: «a loucura é uma commoção dolorosa que se encontra na acção do maior numero de causas, ou por outras palavras, toda a alienação começa por uma satisfação evidente de si mesmo, e Guislain que não poucos factos d'estes devia de ter observado na sua clinica, não os poderia contestar, antes os admite, procurando pôl-os d'accôrdo com a sua idea fundamental. No seu modo de vêr, estas phases expansivas não são iniciaes, succedem quasi sempre a estadios de melancolia, tristeza, depressão, estadios ás vezes tão rapidos que pôdem subtrahir-se aos olhos do práctico mais experiente.

Demais, quando se analisa com madureza estes momentos de alegria apparente, entrevemos desde logo n'este quadro risonho o fundo sombrio d'uma dôr moral, mascarada por este aspecto enganador. «Il en est peutêtre des phrénopathies joyeuses comme du chatouillement de la plante des pieds; elles peuvent constituer un agacement qui fait rire, la douleur devient une convulsion morale.» A dôr moral actua depois sobre as outras faculdades;— se ellas reagem, temos a mania, a melancolia agitada, — se o espirito do louco cede á sua pressão, não oppondo resistencia, mas abandonando-se de todo ás tristes e dolorosas suggestões que o attribulam, temos a

melancolia simples, a lypemania, a estupefacção. Assim como a sensibilidade moral é quasi sempre o norte da nossa actividade, o aguilhão que faz entrar em movimento as outras faculdades, assim tambem na loucura a lesão do senso emotivo é o foco originario do delirio em que as outras partes do espirito podem entrar.

Não tendo, nem podendo ter conhecimento das verdadeiras causas que lhe fazem surgir na alma as impressões que o inquietam, observando a alteração profunda que os objectos ao redor de si lhe parecem denotar nas suas relações, o alienado absorve-se na contemplação de si mesmo, attribuindo a causas residentes no mundo externo sensações que possuem uma vida meramente subjectiva. Mas nem tudo é completamente illusorio, muitas vezes ha um fundo de realidade material n'estes padecimentos moraes. É o que succede com frequencia, quando impressões provenientes de lesões visceraes diversas, passando a travez do senso emotivo modificado pela doença, despertam no alienado as ideas mais extravagantes a proposito da causa real dos seus padecimentos. Assim um lypemaniaco, affectado de ulceras chronicas do estomago, pretendia sentir n'esta viscera os movimentos d'uma serpente que o mordia com furor (Dagonet); uma douda, empregada antiga n'uma igreja de Paris, e doente d'uma peritonite chronica, attribuia á celebração d'um concilio os soffrimentos que experimentava no abdomen; ella declarava ouvir os bispos andarem e gesticularem no interior do ventre. (Leuret).

Eis debuxada a largos traços a theoria de Guislain. Poucas modificações a sciencia contemporanea lhe imprimiu, e ainda mesmo algumas das que foram propostas

estão longe de conciliar a approvação de todos os alienistas. Falret, Griesinger, Erlenmeyer procuravam demonstrar que a loucura não só pode proceder d'uma phrenalgia, mas d'uma exaltação alegre, expansiva, de todo o ponto incompativel com um sentimento depressôr. Assim acontece, com effeito, e nenhuma duvida nos pode restar no espirito sobre este ponto, quando consultamos as observações concludentes, ainda que pouco numerosas, que os authores mencionados referem.

Mas, como disse o proprio Guislain, a cujo espirito investigadôr não escapou esta possibilidade pathogenica, estes factos immensamente raros não contradizem a regra geral, e as ideas vulgarisadas com fervôr pela psychiatria allemã não depoem em desabono do principio fundamental d'esta doutrina, isto é, da participação em these do senso emotivo na génese da loucura. É verdade que Erlenmeyer pretendeu fazer vêr que o delirio pode limitar-se ás faculdades intellectuaes, sem reportar a sua origem a qualquer modificação da sensibilidade psychica, mas a sua opinião isolada não logrou adquirir até hoje uma acceitação digna de confiança.

A doutrina de Guislain fica portanto de pé; não é impossivel que a sciencia futura a modifique ou substitua por outra melhor, mas por emquanto só ella é a que parece encontrar-se de harmonia com a observação clinica.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—A substancia cortical do cerebro é a superficie de projecção do mundo externo.

Physiologia—As allucinações são conciliaveis com o estado normal.

Materia Medica—A intoxicacão alcoolica é uma loucura artificial.

Pathologia Geral—A alienacão mental é um symptoma.

Pathologia Interna—A epilepsia é uma loucura larvea.

Pathologia Externa—O cretinismo é uma doenca miasmatica.

Medicina Operatoria—O aperfeicamento das applicações do trépano depende dos progressos da physiologia cerebral.

Anatomia pathologica — A hyperplasia intersticial do cerebro não basta para explicar todos os symptomas da paralytia goral.

Obstetricia—A loucura puerperal não resulta da albuminuria.

Medicina Legal—A responsabilidade condicional dos alienados é uma ficção.

Approvada.

P. A. DIAS

Póde imprimir-se.
O conselheiro-director,
COSTA LEITE

ERRATAS

PAG.	ERROS	EMENDAS
14	transmittira	transmittiram
20	Fissot	Tissot
21	estravagante	extravagante
22	sobre assumpto	sobre este assumpto
24	preconisadas	preconizadas
28	inaccessivel	inaccessível
30	descanso	descenso
31	proclamar	proclamarem
33	poder aspirar	poderem aspirar
38	propotencia	prepotencia
42	se lhe apresenta	se lhes apresenta
44	alimentos	alienistas
48	fouces	fauces
74	veem	vem
74	casualidade	causalidade
93	physiologia	physiologia
95	espiritualistas doutrinas	doutrin. espiritalistas
98	causada	curada
107	incorria desde...	incorriam desde...
108	vindicta	vindita